

CARTA DO  
**LÍBANO**

Grandes  
emoções  
na entrega  
do Prêmio  
Distinção

A TRAJETÓRIA DE  
**SALIM  
MATTAR**  
SECRETÁRIO DE PRIVATIZAÇÕES  
DO GOVERNO BOLSONARÓ



DO LÍBANO A POÇOS DE CALDAS

A vitoriosa saga da  
**FAMÍLIA  
MIGUEL**



# CARTA DO LÍBANO

UMA PUBLICAÇÃO  
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL  
FOUAD NAIME  
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE  
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO  
MARIO MENDES  
RENATA TURBIANI

COLUNISTA SOCIAL  
VIRGÍNIA ABDALLA

FOTOS  
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS  
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO  
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL [CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR](mailto:CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR)

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908  
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA  
FAMÍLIA MIGUEL  
FOTO  
CARTA DO LÍBANO

## TUDO EM FAMÍLIA

**N**esta edição de Carta do Líbano histórias de famílias estabelecem clima e dão o tom para as comemorações de final de ano. Desde os relatos de viagens até o de sagas de imigrantes libaneses que chegaram ao Brasil, se estabeleceram e fizeram história em suas áreas profissionais e nas regiões onde viveram e onde ainda vivem os seus descendentes.

A empresária Marta Montes fala da emoção que foi conhecer a terra dos antepassados de seu marido Luiz Carlos Frange Montes, durante uma visita ao Líbano, que também teve descobertas culturais e turísticas. Nadia Kassouf Pizzinatto também viajou até o Líbano para conhecer suas raízes e, além de todo o deslumbramento com belezas naturais e lugares de valor sentimental, chegou à conclusão que o melhor do país “é realmente a família”.

Conheça a ousadia nos negócios de Miguel Roumanos Maria, que chegou por aqui com poucos recursos nos anos 1950 e uma década depois fechava um grande negócio para produzir calças com a marca Calhambeque, título de um dos maiores sucessos de Roberto Carlos nos tempos da Jovem Guarda.

Aproveitando o ensejo da nomeação do empresário Salim Mattar para a Secretaria das Privatizações no novo governo Jair Bolsonaro, reeditamos a matéria que fizemos com ele em 2016. Ele fala das lições que aprendeu com o avô e que o fez iniciar o empreendimento da sua vida, a Localiza, empresa de locação de automóveis, uma das maiores do mundo no setor.

Finalmente, uma viagem até a aprazível Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, para conversar com dona Munira Tereza Miguel da Costa Lago. Diretamente de seus domínios no tradicional Palace Hotel de Poços de Caldas - arrendado por sua família - ela narra toda a aventura de seu bisavô Felipe Miguel mas, sobretudo de seu avô, o hoje lendário Waldemar Miguel, empreendedor nos ramos de laticínio, têxtil e turismo, um verdadeiro patriarca que deixou sua marca nas cidades de Serrania e Poços de Caldas, onde criou a família, prosperou, gerou empregos e ajudou os necessitados. Uma verdadeira ode ao amor, ao trabalho e aos valores familiares.



FOUAD NAIME  
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

# O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: [libano.gov.lb/](http://libano.gov.lb/)

@cartadolibano

@cartadolibano



# SUMÁRIO

ANO 23 • NÚMERO 165 • 11.2018

## CARTA DO LIBANO

### 06 | Perfil

Bertha Mendes de Souza, anfitriã nota 10

### 10 | Capa

Memórias de uma família mineira libanesa. Os Miguel carregam uma história que remonta ao começo do século 20 e que deixou sua marca na região de Serrania e Poços de Caldas, em Minas Gerais. No tradicional Palace Hotel de Poços de Caldas — hoje arrendado à família — encontramos Munira Tereza Miguel da Costa Lago, verdadeira guardiã dos “causos” da família. Da chegada de seu bisavô ao Brasil até os dias atuais, ela percorre a saga familiar na cadência de uma deliciosa prosa mineira

### 18 | Capa

Waldemar Miguel, empresário e humanitário, deixou saudades e um enorme legado à região onde viveu e prosperou em Minas Gerais

### 22 | Saga libanesa

Da pequena aldeia no Líbano ao sucesso empresarial no Brasil - que inclui até uma passagem pela Jovem Guarda - Miguel Roumanos Maria manteve intactos o amor pela família e o desejo de fazer o bem ao próximo

### 30 | Saga libanesa

O relato emocionado de Nadia Kassouf Pizzinatto fala da ousadia de seus pais, que deixaram a terra natal para construir no Brasil uma vida melhor, com muito trabalho, sem jamais esquecer as raízes libanesas

### 34 | Saga libanesa

Estabelecido em Sumaré, no interior paulista, o empresário Maroun Sleiman tem orgulho ao falar de seu pai, Mohssen Maroun Sleiman, personagem muito querido na

cidade, de quem herdou o faro para os negócios e o apreço pelo trabalho

### 38 | Sociedade

Uma noite muito especial celebrou os 130 anos da Imigração Libanesa no Rio de Janeiro, homenageando personalidades e instituições nos campos das Ciências, Artes, Cultura, Sociedade e Religiosidade

### 44 | Sociedade

Na residência oficial do cônsul-geral do Líbano, Rudy el-Azzi, três eventos marcantes para a comunidade libanesa

### 48 | Viagem

Embevecida com a riqueza natural, cultural e histórica do Líbano, a empresária Marta Montes faz um pequeno relato da viagem que a levou até lá em companhia do marido, Luiz Carlos Frange Montes, da filha Maria Paula e dos amigos Carolina e Arnaldo de Almeida Prado, e Luciano Faria

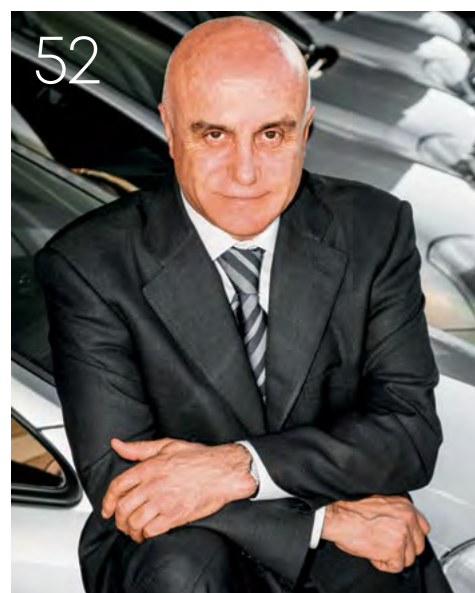
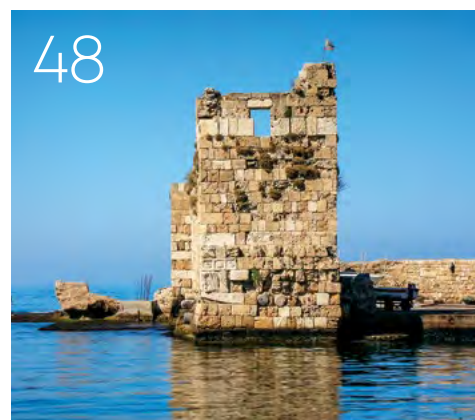
### 52 | Minas no bolso

Por ocasião da nomeação do empresário Salim Mattar, fundador da Localiza, como secretário de Privatizações do governo Bolsonaro, Carta do Líbano relembra a reportagem publicada em 2016, na segunda edição especial Minas Gerais. Nela, está a história do patriarca da família, o imigrante Salim Alfredo Mattar, que acreditou em um bilhete e veio em busca do futuro no Brasil

### 58 | Lição que atravessa gerações

### 60 | História

Carta do Líbano lembra a visita do presidente Camille Chamoun ao Brasil, em maio de 1954



ASSINE JÁ  
E RECEBA  
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME .....

E-MAIL ..... TEL. ....

ENDEREÇO .....

CEP ..... CIDADE ..... ESTADO .....



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500  
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0061 • CONTA CORRENTE 11055-7





Bertha Mendes de Souza é uma referência de elegância, cultura e convivência

FOTO: FOUAD NAÏME

## Bertha Mendes de Souza

# ANFITRIÃ NOTA 10

**Dona de charme, elegância e humor inabaláveis, Bertha Mendes de Souza marcou os anos dourados do society carioca e continua a receber - sempre de maneira encantadora e impecável - em seus salões de Copacabana**

“**Q**uem já teve o privilégio de ser convidado para um de seus famosos almoços de sábado - no célebre apartamento do edifício Golden Gate, na avenida Atlântica, em Copacabana - sabe que lá, além do charme, da elegância e da hospitalidade da anfitriã, encontra-se um raro e agradável mélange de pessoas da política, da área econômica, da cultura, das artes e, claro, da sociedade. Por isso se diz que Bertha Mendes de Souza é uma remanescente da época de ouro do café society carioca, mantendo a aura refinada e cosmopolita em seus domínios. Aos 96 anos, a grande dama continua na ativa não apenas como socialite e anfitriã impecável, mas também como conselheira no Brasil da Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais - entidade de origem suíça conhecida internacionalmente pela sigla BPW (Business Professional Women).

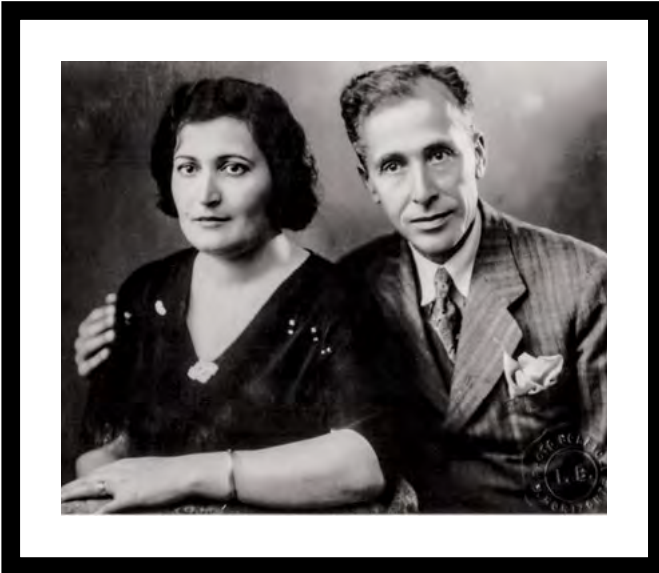
De tradicional família libanesa - que se estabeleceu em Belo Horizonte em 1903 - Bertha é mineira, filha de Vitoria e Nagib Jeha e tem cinco

irmãos: Yamna (In memoriam), Rosita, Nely, Sonia e Calil (In memoriam). Por muitos anos ela foi a comandou a barraca de Minas Gerais na Feira da Providência, no Rio de Janeiro. Casou-se com Joaquim Mendes de Souza, que fez carreira na Medicina e na política - entre outros cargos foi deputado federal e diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil. O casal teve dois filhos, João Marcos e Sandra.

Uma de suas grandes admiradoras, a neta Cristiane Mendes de Souza Oliveira, fala de uma das características mais marcantes de Bertha: “Dadá, como nós netos sempre a chamamos, sabe exatamente o que e quando dizer algo às pessoas, sempre de uma maneira bem-humorada e carinhosa. E com esse seu jeito agradável, consegue tudo o que quer”, comenta. “Tive a oportunidade de fazer inúmeras viagens com ela e, além de ser uma excelente companhia, tem um extremo bom gosto e é extremamente culta. Como ela domina alguns idiomas, transita com facilidade por todos os ambientes, onde sempre está à vontade”, conta.

A história que a neta mais gosta de lembrar é a da peteca que a avó mantém sobre um





“Bertha Mendes de Souza é uma remanescente da **época de ouro do café society carioca**, mantendo a aura refinada e cosmopolita em seus domínios”

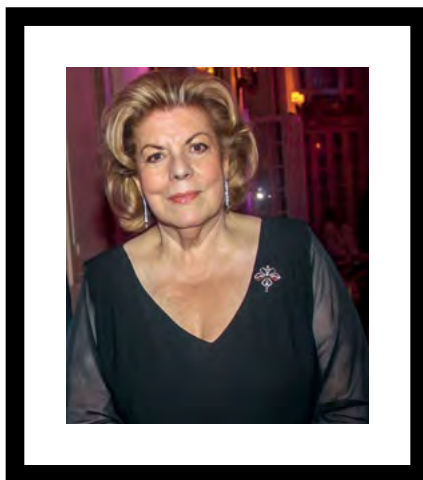


móvel na sala de seu apartamento onde passa a maior parte do tempo. Quando a neta perguntou o porquê de tão inusitado objeto de decoração, Bertha foi certa: “Para não esquecer que nunca podemos deixar a peteca cair”. Tão certa que várias pessoas para quem Cristiane contou o episódio trataram de

arranjar uma peteca para chamar de sua. “Sou fã da minha avó, considero uma verdadeira benção ser sua neta”, conclui.

Letícia Nelson Senna, grande amiga e conselheira cultural, também não economiza nos elogios: “Parodiando do Guimarães Rosa que cunhou a frase ‘Minas é muitas’, eu digo que a Bertha é muitas”. E prossegue: “Ela é mãe, avó, bisavó, amiga, anfitriã, carnavalesca, benemerita, interessada e curiosa tanto nas coisas do mundo quanto nas de sua aldeia”, resume. Da amiga de tantos anos Letícia apenas espera: “Ser sempre meu tipo inesquecível e que continue causando”. ■

No alto, os pais de Bertha, Vitoria e Nagib Jeha. Acima, Bertha e sua neta Cristiane Mendes de Souza Oliveira. Ao lado, a grande amiga de Bertha, Letícia Nelson Senna



Na juventude, Bertha Jeha Mendes de Souza esbanja elegância e glamour

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



O clã Miguel na  
cidade de Serrania



*Do Líbano a Poços de Caldas*

MEMÓRIAS DE UMA FAMÍLIA  
**MINEIRA-  
LIBANESA**

Os Miguel carregam uma história que remonta ao começo do século 20 e que deixou sua marca na região de Serrania e Poços de Caldas, em Minas Gerais. No tradicional Palace Hotel de Poços de Caldas — hoje arrendado à família — encontramos Munira Tereza Miguel da Costa Lago, verdadeira guardiã dos “causos” da família. Da chegada de seu bisavô ao Brasil até os dias atuais, ela percorre a saga familiar na cadência de uma deliciosa prosa mineira



## “O libanês Habib Jebailey assumiu o nome Miguel como sobrenome da família por uma questão de fé e gratidão”

**P**ara início de conversa, em seu Líbano natal, na região de Karm-Asfour, a família Miguel possuía outro nome: Jebailey. Porém, como tantos outros imigrantes que se aventuraram em busca de uma vida melhor em terras estrangeiras, o libanês Habib Jebailey - conhecido como Felipe Jebailey - assumiu o nome Miguel como sobrenome da família por uma questão de fé e gratidão. Ele desembarcou no Brasil, sua nova terra, em um dia de São Miguel, no início do século passado.

Muito tempo se passaria até que a bisneta do velho Habib, Munira Tereza Miguel da Costa Lago, fosse a primeira da família, em cem anos, a retornar aonde tudo começou. É a partir dessa jornada muito particular à cidade libanesa de seus antepassados que Dona Munira relata no depoimento a seguir, a emoção de encontrar os parentes Jebailey e lembra como os Miguel, à custa de muito trabalho e sacrifício, se tornaram uma força na região do sul de Minas Gerais. Isso, sobretudo pela figura singular de seu avô materno, Waldemar Miguel, cuja memória ainda hoje é reverenciada nas cidades de Serrania e Poços de Caldas.

“Chegamos ao aeroporto em Beirute, via Dubai, e tive um sentimento dentro de mim que me faz chorar até agora. Era como se eu estivesse chegando à minha casa. Houve uma ligação muito forte com nosso lado libanês da família, a sensação de “volta ao lar” permaneceu pelos 21 dias que estivemos por lá. Fomos à Beirute, Becharri, Cedros, Baalbek, Zahle... e em nenhum momento me senti uma estranha. Em Zahle, eu andava totalmente à vontade como se estivesse andando aqui por Poços de Caldas. Mesmo sem falar o árabe, as pessoas se comunicavam comigo, porque descobriram que eu e minha filha éramos brasileiras; e sempre havia na família deles alguém que também era brasileiro, ou conhecia o

Brasil e falava um pouco de português. Sem dúvida, foi uma viagem marcante. Fiquei tão emocionada que ao voltar não conseguia contar nada a ninguém, pois sempre que tentava eu começava a chorar.

Fui a primeira da família Miguel a conhecer o Líbano. Um senhor nos guiou por toda a viagem e nos levou até Karm-Asfour. Ele falava árabe e francês - arranhava um pouco de português também - e era assim que nos comunicávamos. Por lá descobri porque gosto tanto de montanha: assim como no lado português da minha família paterna - originária de Lomba, um lugar alto ao lado do rio Douro - a gente chega em Miniara e vai subindo a montanha.

Em Karm-Asfour queríamos localizar alguém que conhecesse a família Jebailey, mas era um dia quando tudo estava fechado, até que passamos em frente a um portão onde um ferreiro estava trabalhando. Nosso guia começou a conversar com o ferreiro, que ficou muito animado ao saber que éramos do Brasil, pois tinha uma irmã morando aqui. Claro que eu perguntei em qual cidade e ele respondeu: “Jardinópolis, em São Paulo”. Justamente onde meu avô Waldemar Miguel (1907 - 1996) nasceu. Aquilo foi demais para mim, me emocionei e comecei a chorar. Ele nos mostrou a casa onde a família Jebailey morava. Mesmo antes de dizer qual era a casa, eu já a reconheci porque era igualzinha à casa de minha avó. No jardim havia pé de limão, laranja, romã, couve, uma roseira... Tudo plantado exatamente como na casa da vovó. Nesse momento, saiu uma senhora que veio em nossa direção e começou a conversar com nosso guia, em árabe. Ela era a cara da minha prima Abigail. Como ela também deve ter me achado parecida com alguém, logo nos abraçamos e bem... cada vez que me lembro disso fico muito emocionada. Ela nos apresentou sua família e foi como se eu estivesse de novo entre minhas tias e primas, porque reconhecia seus rostos em cada uma delas.

Waldemar Miguel começou a trabalhar desde muito menino. Foi servente de pedreiro e sapateiro, antes de se lançar no ramo do comércio

FOTO: ALBUM DE FAMÍLIA





O tradicional Palace Hotel. Na foto ao lado, Fouad Naime, editor desta revista, entrevistando dona Munira Tereza, dona Gracyma e dona Gracyra Miguel, em Poços de Caldas



Meu avô Waldemar foi um homem predestinado, alguém que nasceu para brilhar. Ele seria bem-sucedido onde quer que tivesse nascido. Em seu enterro havia policiais militares de todo o Estado de Minas perfilados ao longo do caminho do cortejo. Uma honraria que, na época, nunca havia sido feita para nenhum civil. Isso foi resultado da capacidade que ele possuía de se envolver com as pessoas e sempre praticar o bem, ajudar o próximo - algo que ele passou para todos nós. No 'santinho' de seu falecimento havia um texto explicando muito bem quem foi ele e o que realizou ao longo de 82 anos:

Dizia: 'Uma vida dedicada à família, ao trabalho, à prestação de serviço à comunidade. Como ninguém, ele soube valorizar palavras como: cordialidade, pela alegria em fazer amigos; honestidade, por defender o seu e respeitar o alheio; gratidão, reverenciando sempre aqueles que o ajudaram, os quais nunca esqueceu. A alegria das crianças, a compaixão pelos pobres e o carinho da família, eis a sua vida. Deus seja louvado'.

Ele costumava nos dizer: 'Meu nome abrirá portas para vocês por várias gerações'. E realmente estava certo.

Vovô também nos colocou para trabalhar desde muito cedo, principalmente os homens que, depois da escola, tinham que ir para o laticínio

ajudar na lavagem dos latões de leite. Em nossa casa, trabalho é meta e é orgulho, é o nome da nossa família. Tudo que conseguimos até hoje foi em função do trabalho. Honesto, sem negócios escusos e sem utilizar política ou subterfúgios.

Meu avô Waldemar tinha uma visão muito peculiar de como criar a família. Minha mãe, Jacirá, era a filha mais velha e depois dela, o tio Zezé (José Juraci). Quando eles chegaram em idade escolar, só havia dinheiro para enviar um dos dois para o colégio interno onde estudavam os filhos dos fazendeiros e das outras famílias ricas da região. Ele então escolheu mandar a mamãe, porque dizia: 'Mulher precisa estudar, para ser refinada. O homem, antes de tudo, precisa ser trabalhador e honesto'.

Meu avô considerava a vovó (Conceição Aparecida Abrão) a rainha do lar - tiveram 13 filhos. Quando ele

## “Tudo que conseguimos até hoje foi em função do trabalho. Honesto, sem negócios escusos e sem utilizar subterfúgios”

recebia qualquer tipo de homenagem, fazia questão se ressaltar: 'Só cheguei onde cheguei e sou o que sou porque tive uma Conceição dentro de casa'. Ele sempre dividiu todas as glórias e conquistas com ela. Vovô era costureira e trabalhava muito, de ficar costurando até duas horas da manhã. Era também o coração da família, e quando o vovô mandava que os filhos fizessem alguma coisa, eles faziam, mas antes pediam a opinião dela. Vovó Conceição foi a grande conselheira do meu avô em todos os assuntos. Durante toda a vida deles em Serrania, ela cultivou verduras, legumes e frutas em uma chácara. Vovô ficava irritado, dizendo que ela não precisava daquilo, pois parecia que não tinha dinheiro e que era mais fácil, em vez de vender as coisas da chácara, distribuir entre as pessoas. Ela, por sua vez, argumentava: 'Waldemar, se for de graça, ninguém vai dar valor. Pagando, mesmo que pouquinho, todo mundo dá valor'. Viveu muito e do alto dos seus cem anos ainda fazia crochê - morreu com 103. O pai dela era sírio, nascido em Damasco: Youssef Abrahão Chedi, que chegou ao Brasil viúvo e com um filho (tio José). Aqui se casou com a brasileira Rita Alves de Deus e tiveram mais nove filhas.

Quando vovó Conceição se casou com vovô Waldemar - ela estava com 14 para 15 anos - uma das irmãs dele disse que ela não teria filhos. Ela realmente só engravidou de minha mãe, sua primeira filha, aos 18 anos. Mas teve outros doze filhos, em uma média de dois anos entre cada um. A irmã mais velha da vovó, tia Ana, casou-se com meu tio Eduardo (Daoud), irmão do meu bisavô Felipe. Por isso, os seus filhos são os nossos primos mais próximos.

Praticamente fui criada como filha dos meus avós, porque a vovó teve ainda mais três filhos depois do casamento da minha mãe. Quando os meus pais se casaram, a vovó ainda estava grávida do tio Waldo. Depois que ele nasceu, nasci eu, depois meu tio Waldemar Junior; em seguida meu irmão Paulo e logo depois minha tia Dora (Maria Auxiliadora), a

caçula dos meus avós. Então meus avós tiveram três filhos misturados com três netos.

Minha mãe morreu aos 32 anos - vítima de câncer - e papai tinha 38 anos. Vovô disse a ele: 'Você pode se casar com quem quiser, mas os meus netos ficam comigo'. Então meu pai acabou se casando com uma das irmãs da mamãe, tia Gracyra. Na verdade, mamãe, antes de morrer pediu para que a tia Gracyra se casasse com ele.

Nós somos de Serrania (70 quilômetros de Poços de Caldas), mas viemos para Poços de Caldas para estudar e não voltamos mais. Vovô montou uma loja aqui na Rua São Paulo para os filhos trabalharem, a Casa do Linho. Lá eles negociavam linho e queijo, e todos dormiam nos fundos da loja. Durante muitos anos, nossa família, junto com a Braspérola, foram as únicas empresas do Brasil que teciam linho. Depois da loja, o vovô teve a ideia de tecer o linho e comprou a fiação do seu Mário Calfat. Um dia Seu Mário disse a ele: 'Pois é Waldemar, você me fez vender minha galinha dos ovos de ouro'. Vovô comprou todo o maquinário dele e instalou a tecelagem em Serrania. Durante muitos anos, a empresa comprava fio na Bélgica e Irlanda, para tecer o linho e revender o tecido pronto para o Japão e Itália. Porém, na década de 90, veio o governo Collor e os brasileiros descobriram a China e seus produtos. Os chineses começaram a derramar rami no mercado, alegando que era linho e as confecções brasileiras começaram a comprar. A tecelagem entrou em declínio, mas antes que a fábrica se dissolvesse de uma vez, vovô indenizou os 400 funcionários - em uma cidade de três mil habitantes - e fechou.

Tudo que o vovô negociava era pago à vista para não ter que pagar juros. Ele sempre tinha três vezes o dinheiro que precisava para pagar qualquer coisa. Isso ele aprendeu com a mãe dele, a vovó Salma (nascida em Karm-Asfour e casada com Felipe Miguel). Vovô Waldemar não fazia dívidas, sempre pagou tudo à vista.



# “Mulher precisa estudar, para ser refinada. O homem, antes de tudo, precisa ser trabalhador e honesto” – Waldemar Miguel

Uma história interessante aconteceu nessa época. Vovô avisou todo mundo que não iria votar no Collor (Fernando Collor de Mello) e as pessoas perguntavam como era possível, se ele queria mesmo que o Lula ganhasse a eleição para presidente. E ele respondia: ‘Quem viu o que vi não vota nesse rapaz. O pai dele matou um homem dentro do Congresso. O olhar dele (Collor) não é bom’. Naquele tempo, não havia agência bancária do Banco do Brasil em Serrania, e o vovô vinha três vezes por semana até Poços para ir ao banco. Pois bem, Collor foi eleito e em uma quarta-feira do mês de março de 1990, foi declarado o feriado bancário de três dias que antecedeu o confisco do dinheiro do povo brasileiro. Naquela semana, o vovô veio ao Banco do Brasil para falar com o gerente, verificar o saldo da conta e perguntar se a agência tinha dinheiro disponível para ele sacar tudo. O gerente ficou assustado, disse que ele não podia sair com todo aquele dinheiro, mas vovô insistiu e avisou: ‘Se não acontecer nada, na próxima segunda-feira o dinheiro estará aqui de novo; mas hoje vou levar tudo’. Então, telefonou para os filhos que foram buscá-lo de carro, colocaram o dinheiro no portamalas e o levaram de volta à Serrania.

Na segunda-feira, depois do confisco do dinheiro realizado pelo governo, ele foi até ao escritório do meu marido, que era engenheiro, e avisou: ‘Não pare suas obras, eu estou aqui para garantir’. E fez o mesmo com meus irmãos, com os tios, com a família toda.

Passado um tempo bateu na porta da sua casa a Polícia Federal. Eram delegados, querendo saber que tipo de informação privilegiada ele havia recebido e quem lhe havia fornecido. Ele repetiu o que vinha dizendo para todo mundo há tempos: ‘Quem viveu o que eu vivi e viu o que eu vi, não votaria nesse rapaz. Agora está aí a prova que eu estava certo’.

Vovô era muito culto e inteligente, apesar de ter somente estudado até o quarto ano primário e

ser um sapateiro. Na época que eu fazia faculdade de Ciências Sociais, certa vez um dos professores pediu aos alunos para falarem da Revolução de 1930. Eu não sabia onde pesquisar e fui lá pedir para o vovô me falar sobre revolução, que eu iria escrever tudo. Ele me contou toda história da Revolução de 1930, com nomes, datas, tudo. O professor me perguntou sobre a bibliografia, eu ri e falei: “Pode escrever aí, Vô Waldemar. Foi meu avô quem me contou toda a história”.

Ele lia três jornais por dia, um do Rio (Jornal do Brasil), outro de Belo Horizonte (Estado de Minas) e outro de São Paulo (O Estado de S. Paulo). Lia todas as notícias, tirava as próprias conclusões e fazia seu diagnóstico.

Ele e a vovó Conceição fizeram muita caridade também. Mas ele era da opinião de que o que a mão direita faz, a esquerda não pode saber. Não queria que ninguém soubesse quem ele estava ajudando e nem como. Uma das coisas que a família e a cidade de Serrania ficaram sabendo foi sobre os brinquedos de Natal distribuídos anonimamente para as crianças carentes; uma tradição que mantemos ainda hoje na família. Isso começou com uma promessa feita pela vovó quando meu tio Waldo era criança e adoeceu. Outra coisa que todo mundo ficou sabendo foi a distribuição de cobertores para as pessoas de baixa renda. Ele ia a São Paulo, comprava entre 300 e 500 cobertores, voltava e distribuía para quem necessitava.

Essas são algumas curiosidades e histórias sobre meus avós. A família é muito grande e as histórias são várias e muitas, mas as que narrei definem muito bem quem foram meus avós e como suas vidas influenciaram e ainda influenciam toda uma geração de filhos, netos e bisnetos. Todos e todas, sem exceção, trabalham de acordo com as regras de criação e educação dos meus avós. Tenho um grande orgulho dessa família libanesa e principalmente desse casal admirável.” ■



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

O casal Waldemar e Conceição Aparecida Miguel (sentados), com a família. Na primeira fila: Walter, Waldo, Munira Tereza (neta) e Waldir Miguel. Na segunda fila: Lourenço Barbosa da Costa (genro), Jacira Miguel da Costa, Jaci, Gracyra Maria, Maria Conceição, Gracyma e José Juracy Miguel



Dona Conceição Aparecida era o coração da família e a grande conselheira de Waldemar em todos os assuntos. Na foto ao lado, Waldemar recebeu o título de Cavaleiro Comendador da Ordem de São Maurício de Tebas (SP), em 1985





*Waldemar Miguel*

# UM HOMEM CELEBRE

Waldemar Miguel, empresário e humanitário, deixou saudades e um enorme legado à região onde viveu e prosperou em Minas Gerais



Sala de cura, local de maturação do queijo, na fábrica de Laticínio Serrania, um dos empreendimentos de Waldemar Miguel

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Waldemar Miguel e Conceição Aparecida tiveram nove filhos - que geraram 28 netos - formando uma das famílias mais conhecidas e respeitadas no sul de Minas



“Waldemar Miguel deixou enorme legado não só à sua grande família, mas também à toda região mineira onde viveu, prosperou, gerou empregos e ajudou os mais necessitados”

A trajetória de sucesso, na vida e nos negócios, do célebre empresário Waldemar Miguel está ligada a epopeia vivida pelos imigrantes na virada dos séculos 19 e 20. Tudo começou com seus pais, Felipe Miguel e Salma Moisés Tobias, que chegaram ao Brasil vindos do Líbano, em 1896, e se estabeleceram no interior de São Paulo. Foi na cidade de Jardinópolis, que Waldemar nasceu, em 16 de setembro de 1907, e desde muito menino começou a trabalhar, revelando diligência e capacidade de adaptação para diversas atividades. Trabalhou como servente de pedreiro e sapateiro, antes de se lançar no ramo do comércio e da indústria que o tornaria conhecido e muito respeitado.

Chegou à cidade de Serrania, no sul de Minas Gerais, em 1924, aos 17 anos, ainda como sapateiro. Pouco mais de uma década depois ele trabalhava na propriedade rural de Antônio Souza Moreira, onde se envolveu no desenvolvimento de produtos agrícolas, principalmente algodão. Na sequência, associou-se a Moreira no Laticínio Serrania na produção de manteiga e diversos tipos de queijo - ele mesmo transportava a mercadoria até São Paulo, onde era comercializada. Mais tarde, começou a repassar o leite recebido em Serrania para o Laticínio Poços de Caldas.

Waldemar Miguel se casou com Conceição Aparecida Miguel e tiveram nove filhos - que geraram 28 netos - formando uma das famílias mais conhecidas e respeitadas nas cidades de

Serrania e Poços de Caldas. Em 1955 ele iniciou uma nova fase profissional ao criar a Tecelagem Serraria, empresa muito bem-sucedida que em 1970, tendo como sócios um de seus filhos, José Juracy Miguel, e um genro, Lourenço Barbosa, passou a se chamar Waldemar Miguel Tecidos S.A., sendo ampliada para fiação e fabricação de linho. A qualidade do produto era tal que entre 1976 e 1980, a maior parte era exportada para o Japão.

Em 1964, montou uma loja de tecidos em Poços de Caldas, onde seus filhos começaram a expandir as empresas e em pouco tempo figuravam entre os maiores empresários da região, principalmente no ramo de turismo com uma grande rede de hotéis espalhados por todo o Brasil e com a criação do parque temático Walter World.

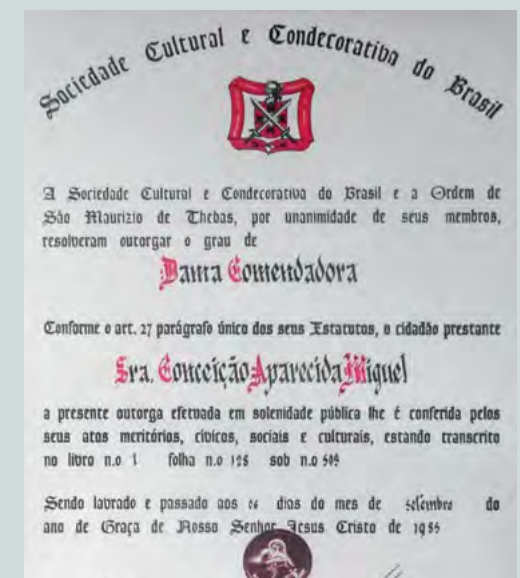
Waldemar Miguel também foi um dos fundadores do Laticínio Campestre, presidente da Cooperativa de Crédito Agrícola de Alfenas e um dos fundadores da Têxtil Alfenas, hoje Tecelagem Saliba. Em 1983 foi homenageado com o merecido título de Comendador. E, em 1988, recebeu grande honraria do governo de Minas Gerais quando seu nome foi dado à estrada que liga o município de Serrania à BR 491 MG.

Ao morrer, aos 88 anos em 1995, Waldemar Miguel deixou enorme legado não só à sua grande família, mas também à toda região mineira onde viveu, prosperou, gerou empregos e ajudou os mais necessitados.

Não à toa, sua neta Munira Tereza Miguel da Costa Lago gosta de lembrar o que ele costumava dizer aos filhos e netos: “Meu nome abrirá portas para vocês por muito tempo”. ■



Em sentido horário: título de Comendador concedido a Miguel Waldemar, em 1983; amostra do linho fabricado pela Waldemar Miguel Tecidos, durante muitos anos exportado para o Japão; as ferramentas utilizadas por Waldemar Miguel quando era sapateiro; título de Dama Comendadora concedido à sra. Conceição Aparecida Miguel, em 1985; e vovó Conceição era costureira e ficava trabalhando até duas horas da manhã







O empresário Miguel Roumanos Maria em dois momentos: no início de sua vida no Brasil e, ao lado, em uma foto recente

FOTOS: CARTA DO LÍBANO

## Miguel Roumanos Maria

# RIQUEZA NO CORAÇÃO

Da pequena aldeia no Líbano ao sucesso empresarial no Brasil - que inclui até uma passagem pela Jovem Guarda - Miguel Roumanos Maria manteve intactos o amor pela família e o desejo de fazer o bem ao próximo

**C**hegada ao Porto de Santos: oito de dezembro de 1954; quarta-feira. Um dia inesquecível para Miguel Maria. Muitos fogos anunciaram seu desembarque e de outros imigrantes em meio às festividades de Nossa Senhora da Conceição e os festejos do dia de Iemanjá. Assim, a liberdade que caracteriza o Brasil entre os libaneses já se apresentou ali para Miguel, na manifestação simultânea de duas crenças.

Data inesquecível também porque a mesma feira que acontecia à porta da casa do primo Jorge Samed, quando Miguel chegou a São Paulo, ainda existe até hoje, todas às quintas-feiras. Como esquecer?

Passaram-se quase 64 anos, mas os detalhes da viagem são muito claros na memória de Miguel. Foram 30 dias no mar a partir de Beirute, passando por Porto Said, Alexandria e Gênova, a um custo de 1.300 libras, cerca de US\$ 400.

Realizar um cruzeiro como esse, nos dias de hoje, tem um preço bem diferente e muito mais conforto do que a viagem que trouxe Miguel ao Brasil. “Quando vim, éramos quatro pessoas na mesma cabine, sem banheiro e sem pia. Porém, foi uma viagem muito alegre. Todas as noites tínhamos música, cantores libaneses e italianos, dançávamos e havia o sonho da vida nova, das possibilidades”, lembra. Ele conta que a família Elias Azzi e a bailarina Samia Jamal passaram uma noite no navio, entre Beirute e Porto Said, no Egito, e foram muito simpáticos fazendo apresentações para os passageiros. Há anos Miguel quis refazer a rota de navio, mas “mesmo com o conforto das suítes, não foi a mesma coisa. E nem são mais 30 dias de céu e mar”, constata saudoso.

A esperança de dias mais felizes habitava seu coração. A tristeza de deixar a família era amenizada pela possibilidade de viver em uma terra de paz, oportunidades de trabalho e de prosperidade, com os frutos de sua dedicação podendo ser futuramente compartilhados com os familiares.

Na bagagem, algumas roupas, discos da diva libanesa Fairouz e seis maçãs - produto típico de sua aldeia Aintourine, perto do vale de Kadisha, norte do Líbano, que ajudaria os parentes a diminuir as saudades da terra natal. Hoje, apesar da saudade e

das lembranças, Miguel sente-se realizado. “Gosto de viver aqui e gosto dos costumes. No Brasil há mais liberdade, mais justiça, mais dignidade, mais oportunidades e os libaneses são bem recebidos e respeitados. No Líbano existe muita impunidade, pois lá todos são, de alguma maneira, ligados à política. Então prefiro aqui, onde as pessoas são ligadas em futebol”, compara e rapidamente assume: “Sou corintiano, com muito orgulho!”. Um instante de reflexão traz a conclusão: “Minha vida no Brasil tem sido maravilhosa. Não guardo nenhum arrependimento nem sonho não realizado. Aproveitei a vida e fui mais feliz do que imaginava que seria!”

### UM SONHO DISTANTE

Não era segredo que o jovem Miguel desejava viajar para o Brasil. Começou a trabalhar ainda menino e, dos 13 aos 17 anos, ajudava um tio que era mecânico de equipamentos para moagem de azeitonas. “Na minha cidade faz muito frio, então eu ia para a casa dele no inverno e aproveitava para aprender uma profissão. Mas ganhava pouco e quem me dava dinheiro era meu irmão, que trabalhava em Trípoli. Também vendia maçãs das plantações da aldeia”, conta. Na aldeia de Aintourine o frio é tanto que no inverno o lugar fica praticamente vazio - as pessoas se mudam temporariamente para localidades de menor altitude. Logo que teve condições financeiras, uma das primeiras coisas que Miguel fez foi comprar um apartamento para os pais saírem de lá durante o inverno.

Perto de completar 18 anos, Miguel tomou a iniciativa de preparar os documentos para vir para o Brasil. Mas não contou nada à família. Precisava da autorização do pai, mas como ele não sabia ler, pediu que um professor, seu amigo há tempos, o acompanhasse ao cartório a fim de obter o passaporte. “Não queriam carimbar a autorização sem ver meu pai. Expliquei que ele trabalhava durante o dia e teria de tirar o documento de identidade. Consegui a autorização, a carteira, o passaporte e deu tudo certo”.

Houve também um fato inusitado: “Quando estava voltando para casa, uma cigana me abordou na rua para falar da minha sorte. Pediu uma moeda, mas eu não dei e até tentei escapar dela. Mesmo assim ela falou: ‘Você vai para um lugar distante, vai



# Na bagagem, algumas roupas, discos da diva libanesa Fairouz e seis maçãs — produto típico de sua aldeia Aintourine

trabalhar, fazer sua vida e encontrar seu futuro lá'. Como ela podia saber que eu estava preparando um documento para isso? Nunca mais esqueci daquilo. E não é que aconteceu mesmo?", diverte-se.

Naquela mesma tarde Miguel soube que no dia seguinte sairia um navio com destino ao Brasil e nele estariam pessoas da sua cidade. Mesmo sem o dinheiro em mãos, foi até a agência de viagens com o visto e pediu que uma senhora da aldeia, que conhecia o funcionário da agência, intercedesse para que ele esperasse o pagamento até o dia seguinte. Mais uma vez, tudo deu certo. Somente aí Miguel telefonou para o pai e contou sobre sua partida. "Meu pai disse 'nem vai poder se despedir de seus irmãos'. Ele estava adorando que eu ia viajar, mas minha mãe não gostou muito. Levaram o dinheiro para mim, comprei algumas roupas e parti".

O navio zarpou dia oito de novembro, às 15hs da tarde. Miguel viajou na companhia de seis pessoas da sua cidade e manteve amizade com elas no Brasil. No porto de Santos foi recebido por familiares - os primos Ramon Samed e Pedro Maria. "Dormimos em um hotel em Santos e viemos para São Paulo no dia seguinte. Lembro muito dos pernalongos no hotel. Estava muito calor e precisamos deixar a janela aberta, mas mal consegui dormir e sai de lá todo empicocado", recorda.

## A NOVA VIDA EM PORTUGUÊS

"O que vou fazer agora?", foi a primeira pergunta de Miguel ao chegar à casa do primo Jorge, no bairro do Ipiranga. E Michel Ayoub, amigo da cidade de Duma, logo respondeu: "Eu vendo meias e vou te dar 10 dúzias para você vender, trabalhar comigo na feira". Na época, Miguel não esquece, vendia três pares de meias por 20 cruzeiros. Logo tratou de perguntar ao amigo: "E o que eu vou ganhar?". Ayoub explicou: "Você vende três e ganha um". Miguel gostou da proposta, calculou o lucro que teria e vendeu as 10 dúzias em um dia, repetindo sem parar, enquanto segurava 3 pares de meias em cada mão,

as palavras que havia aprendido em português: "Três por 20, três por 20..." E não se intimidou quando uma mulher falou que queria seis - ele simplesmente repetiu "três por 20", porque não sabia o que significava "seis". No meio de uma gostosa risada ele repete a resposta da mulher: "Está bem, pego três por 20". "Ela pagou três e então pegou mais três e me deu mais 20 cruzeiros."

O recém-chegado, não conhecia absolutamente nada da língua portuguesa e nem mesmo conhecia os números em francês, o que poderia ter facilitado o aprendizado da nova língua. Ele havia estudado árabe e aramaico, porque seu pai esperava que ele se tornasse padre. "Entre a quinta-feira da minha chegada e o domingo aprendi a contar até dez em português e, a partir daí, compreendi todos os números". Em poucos dias Miguel registrou-se na Prefeitura e tirou licença para ter uma barraca de feira. Além das meias masculinas que já vendia acrescentou outros tipos e também meias femininas. Assim foi conhecendo São Paulo - Ipiranga, Vila Mariana, Cambuci - já que a cada dia a feira era em um bairro diferente.

Miguel trabalhou durante quatro anos na feira - dois anos apenas vendendo e mais dois também transportando as barracas com o caminhão que adquiriu. Ele conta que carregava de graça as barracas dos mais pobres. "Eram três ou quatro marreteiros que eu ajudava. Entre eles havia um casal de médicos romenos já idosos, na faixa dos 70 anos. Não tinham nada nem ninguém no Brasil. Moravam na Vila Zelina e andavam de bonde com as sacolas de coisas para vender, então eu levava as sacolas e entregava na feira para eles. Na época eu tinha muito terçol e a médica romena me aconselhou 'isso não tem remédio, basta pingar colírio, nem precisa ir ao médico, sara sozinho.'" Miguel nunca mais soube deles, mas ficou dessa breve convivência uma grande lição: "Às vezes não estamos contentes com o que temos, e vemos pessoas com problemas bem maiores", ensina.



FOTOS: EVA MONT/SHUTTERSTOCK (PÁGS. 68) E ALEUMIDE FAMILIA

A região do Vale de Kadisha é considerada sagrada e foi declarada Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco. Abaixo, Miguel Roumanos Maria e sua mulher, Claire, com os filhos Carla, Marina, Paula, Marcos e André

## UM LIBANÊS NA JOVEM GUARDA

A barraca de Miguel vendia com sucesso um modelo de calça infantil fabricado por um patrício na rua 25 de Março, com elástico na cintura e bordados no bolso. Ele decidiu fazer confecção dessa peça trabalhando em parceria com um amigo alfaiate, japonês, com costureiras e bordadeiras contratadas. Em pouco tempo as barracas vizinhas estavam fazendo tantas encomendas que foi necessário investir em uma máquina de corte. "Instalei a máquina na garagem da casa onde eu morava, o alfaiate ia à noite para cortar e eu levava para as costureiras", conta. Nessa fase, já não morava mais com o primo Jorge Samed. Miguel e os primos Pedro, Bechara e Paulo Maria moravam em uma casa com outra família libanesa.

Perspicaz e ousado, Miguel percebeu que os negócios iam muito bem e alugou um ponto no Brás em 1959, na rua Silva Teles. "Vendi minha barraca, o caminhão e aluguei uma loja que um patrício estava vendendo, já montada, num ponto muito bom. Meu primo Pedro entrou como sócio para fazermos coisas maiores", recorda.







## “Às vezes não estamos contentes com o que temos, e vemos pessoas com problemas bem maiores”, ensina Miguel

visitando a família, mas permaneci apenas 10 dias. Uma noite sonhei que minha mulher perdia nosso filho. Não comentei nada com ninguém para não levantar preocupações, mas fui direto trocar minha passagem e voltei no mesmo dia”.

Ao chegar no prédio onde morava, o zelador avisou a Miguel que Claire estava na casa da mãe. “Estranhei, porque quando viajei minha sogra é quem ficou em nossa casa com ela”, lembra. Chegando à casa da sogra foi informado por Maria, empregada que estava com eles, que Claire havia sido internada na noite anterior. Ele apenas teve tempo de chegar ao hospital no Belenzinho e presenciar o último suspiro de seu filho. “Parece que ele esperou por mim para conhecê-lo”, diz com voz embargada. “Infelizmente, vi acontecer aquilo que sonhei”.

### FAMÍLIA, A MAIOR RIQUEZA

Miguel sente saudades da maior proximidade que havia entre os patrícios libaneses na época de sua chegada ao Brasil. “A colônia era mais unida, as famílias se visitavam aos domingos, sem telefonar, sem marcar nada. Hoje percebo que cada um vive a sua própria vida, temos que ligar com antecedência se queremos fazer uma visita”. Mesmo assim ele mantém muitos amigos. Seu filho Marcos tem muito contato com a comunidade libanesa, já que de tempos em tempos desenvolve, junto com amigos, ações beneficentes que reverterem parte da renda para a Paróquia Nossa Senhora do Líbano e outras entidades.

“Nunca me preocupei com a profissão que meus filhos seguiriam”, declara Miguel. “Ensinei a serem corretos e honestos dentro da profissão que escolhessem, e apenas exigia que fosse um serviço honroso, sem malandragem”, explica.

O filho Marcos confirma: “Aprendi com meu pai a ser íntegro e persistente. Ele nos passou bons valores e sempre reafirma um conceito que julgo muito importante: ‘se um dia seu trabalho não der certo e

você perder todo o dinheiro, você terá uma coisa que ninguém tem, seu sobrenome e um passado honesto’. Ele está certíssimo, isso abre muitas portas. É nossa maior herança”, orgulha-se.

Para outro filho, André, a lição aprendida vai além da retidão empresarial. O afeto e a dedicação à família são exemplos que recebeu do pai. “Meu irmão e eu dormíamos no mesmo quarto, e a cada noite meu pai sentava-se na cama de um para contar histórias da vida dele. Algumas ele criava ou exagerava um pouquinho para incluir uma lição de moral. Hoje faço o mesmo com meus filhos, conto as histórias que meu pai contava e quero muito que eles guardem isso e passem para seus filhos”.

Os filhos têm muito admiração e respeito por Miguel. André constata que a vida comercial do pai é conhecida publicamente, mas considera sua maior lição o valor que ele dá à família. “Lembro, desde sempre, de ver meu pai chegar em casa e ligar a televisão ou abrir os jornais para saber do Líbano”, diz. Ao menor sinal de perigo, Miguel voava para lá para ver como os pais estavam atravessando todos os perigos e dificuldades que a guerra cria para as comunidades. “Ensino para os meus filhos o valor que tem um avô, porque eu mesmo valorizava meu avô por ser pai do meu pai”, conclui André. Com muita empolgação, ele lembra o dia que levou uma bronca de Miguel na frente do avô e ficou muito constrangido. O avô chamou Miguel de lado e disse: “Vens de tão longe para dar bronca no menino na minha frente? Nunca mais faças isso”. E André lembra também que na hora pensou: “Nossa, existe alguém acima do meu pai, olha como o meu avô é importante, ele é superior ao meu pai”. Diz que percebeu isso porque Miguel concordou com o pai: “Está bem”. “Nunca tinha visto meu pai concordar assim com alguém”.

### O SONHO CONTINUA

Do Líbano Miguel sente saudade da natureza, da vista das montanhas, do tipo de fé do povo das

Alguns anos depois, na década de 60, quando Roberto Carlos era um sucesso sem precedentes com a canção “O Calhambeque”, Miguel soube através de um comerciante judeu, do Bom Retiro, que era possível comercializar calças com a marca Calhambeque. Negociou com o empresário de Roberto Carlos e fechou o contrato: “Fiquei com uma cota de 30 mil calças por mês. Pagava US\$ 1 por calça para ele e vendia por US\$ 7 ou US\$ 8 cada peça, e o custo era inferior a US\$ 3, Era um grande negócio”.

Porém, com o tempo surgiram as falsificações e as vendas caíram. Com visão de vanguarda, Miguel investiu nas calças com a marca Tremendão - como era conhecido outro ídolo jovem, Erasmo Carlos, parceiro de Roberto Carlos no grande sucesso que era o movimento da Jovem Guarda. Na sequência, veio a marca Wanderléa - a cantora que completava o trio de ídolos da juventude: “Eu só fazia novidades, era pioneiro sempre. A calça Wanderléa era em brim colorido e daí comecei a confeccionar roupas femininas”, conta.

Por volta de 1967 comprou o prédio onde estava instalado, na rua Silva Teles, e no ano seguinte se especializou definitivamente em artigos de jeans. Produzia a famosa calça Lee, de brim não lavado, grosso, e com o tempo o jeans foi sendo amaciado, até chegar ao que é hoje.

No início dos anos 1970, houve um novo impulso: a empresa Alpargatas trouxe dos EUA a marca de jeans Topeka e levou o tecido para a fábrica de Miguel, para confeccionar a primeira peça. “Fiz exatamente como eles queriam.

A Alpargatas passou a fabricar milhões de peças, mas como eu não podia usar a marca Topeka, porque era deles, comprava o mesmo tecido, fazia as calças e colocava a minha marca, BOMFÁ, que eu havia lançada em 1963”.

Miguel seguiu no ramo de confecções até 1995, quando passou a marca para um sobrinho, passando a se dedicar aos negócios imobiliários.

### O AMOR DEPOIS DOS 30

Em 1970 Miguel casou-se com Claire Akkari, que vinha de uma família da mesma cidade libanesa que a dele. “O tio dela, Paul Joubair, que é padre, tinha um grupo de dança folclórica libanesa do qual eu fazia parte e nos apresentávamos com roupas típicas em festas de cidades do interior de São Paulo, para divulgar nossa cultura”, conta. Quando Miguel a pediu em casamento ela tinha 18 anos e ele 32. Casados, foram morar num apartamento na Mooca e depois de 10 anos mudaram-se para uma casa no Planalto Paulista. Os filhos vieram cedo: em 1972 nasceu Carla, em 1975 nasceu André, Paula em 1976, Marcos em 1978 e Marina em 1980.

Em meio a tantas lembranças felizes de superação e conquistas, uma memória pega Miguel de surpresa, e ele relembra detalhes que há muito não pensava. “Perdemos um filho entre Carla e André, em 1973 - um menino que nasceu de cinco meses por causa da Talidomida, uma medicação que prejudicou muitas mulheres e crianças na época”. Os detalhes surgem e vão sendo contados com muita emoção: “Eu havia viajado para o Líbano com um amigo, Karim Khouri, e iria ficar um mês por lá





Na época da Jovem Guarda, Miguel fechou contrato com o cantor Roberto Carlos para comercializar, durante vários anos, calças com marca Calhambeque, título de um dos maiores sucessos do Rei

aldeias. Ele acredita que as pessoas por lá valorizam mais a fé, a família, não por ser no Líbano, mas por ser uma cidade pequena. “As cidades do interior de São Paulo são assim também”, compara.

Ele vem da pequena aldeia de Aintourine, ao lado do vale de Kadisha, onde existe o Mosteiro de Santo Antônio. “O Líbano antigo é lindo. Lembrome dos amigos e das experiências que tive. Lá tenho apenas uma irmã viva e alguns sobrinhos. Sinto muita saudade de tudo que vivi ali até a minha adolescência”.

Filho de Roumanos Maria e Farida Elias, Miguel teve seis irmãos, Antônio, Souad, Warde, Jamile, Tereza e Rihouna que morreu com 14 anos. “Sempre vou ao Líbano, eu ia todos os anos e todos os meus filhos conhecem minha aldeia. Acompanho os acontecimentos diariamente e sei que a situação não está muito boa”, constata com grande pesar. Marcos conta que o pai, sempre que pode, ajuda os moradores de sua aldeia natal, pois a região é muito carente. Chegou a doar seu próprio carro para a funerária da cidade para fazer o transporte dos corpos para o cemitério, que era feito a pé. Miguel tem, ainda, o sonho de criar um fundo para proporcionar estudo às crianças, a possibilidade de ir para a faculdade, ajudar na aquisição de medicamentos para os idosos. A aldeia é praticamente habitada por pessoas de idade, pois a maior parte dos jovens migrou para o Brasil e países da Europa. A população local vive do cultivo de amoras e cerejas, vendem alguma coisa, fazem trocas entre eles e todos vivem da terra o ano todo. “O governo não ajuda com nada, e daqui uns 50 anos talvez não tenha mais ninguém por lá. Hoje são somente cerca de 350 pessoas, e no inverno, todos se retiram por causa do frio - neva demais, a neve se acumula por cerca de um metro de altura e a população não recebe nenhum tipo de assistência para nada. Ainda desejo fazer alguma coisa para ajudá-los mais. Este é um sonho que ainda vou realizar”, conclui esperançoso. ■



O casal Miguel e Claire Maria



FOTOS: CARTA DO LIBANO

O capital que Miguel trouxe do Líbano na bagagem: Algumas roupas, discos da diva libanesa Fairouz e seis maçãs

“Eu só fazia novidades, era pioneiro sempre e daí comecei a confeccionar roupas femininas em brim colorido”

## Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



Reservas: (12) 3663-3654  
3663-3611 / 3663-3638

reservas@daninncampos.com.br

Joaquim Pinto Seabra, 170  
Vila Everest - Campos do Jordão

Castelo Nacional Inn - (12) 3662-5950  
Golden Park Campos- (12) 3664-4230  
Pousada Nacional Inn - (12) 3663-4540

www.nacionalinn.com.br

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

## Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS AQUECIDAS + PARQUE WALTER WORD



comercial@thww.com.br  
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131 - Jardim Del Rei

www.nacionalinn.com.br

REDE FAMILIAR LIBANESA







Vista geral de Zahle

FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA

# A SAGA DOS KASSOUF

O relato emocionado de Nadia Kassouf Pizzinatto fala da ousadia de seus pais, que deixaram a terra natal para construir no Brasil uma vida melhor, com muito trabalho, sem jamais esquecer as raízes libanesas. E, sobretudo, valorizando o amor e as tradições da família

**T**udo o que somos, cremos, construímos, devemos a Deus e aos nossos antepassados. Por isso, neste dia de gratidão, resgato a saga dos meus queridos antepassados da família Kassouf e ressalto os valores que deixaram e dos quais nós, seus descendentes, somos os guardiões.

Em 1950, com a ousadia dos jovens, um casal de libaneses deixou a terra natal e, por lá, todas as pessoas que tinham como referência familiar e de apoio, para após uma longa viagem de navio, aportar com dois filhos pequenos no Rio de Janeiro. Assim chegamos ao Brasil, meu irmão Khalil e eu, acompanhando meus pais, Nicolas Khalil Kassouf e Emelie Braxs Kassouf, ambos no auge da beleza da juventude.

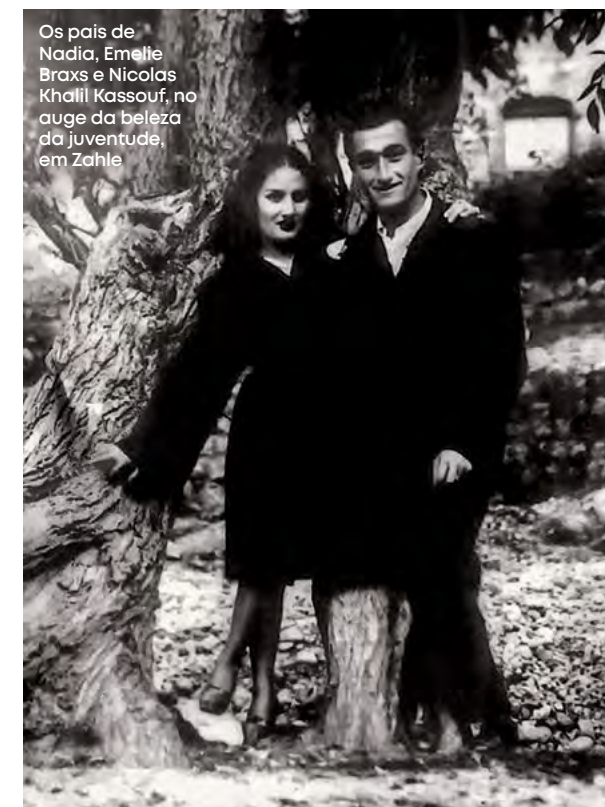
Quanta coragem, chegar a uma terra estranha, sem saber falar o idioma, com duas crianças de dois e três anos, em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida.

Sobre esses heróis algumas histórias surpreendem: meu pai assumiu como primeiro trabalho no Rio de Janeiro a função de motorista de táxi - pouco tempo de aprendizado da língua e sem o GPS.

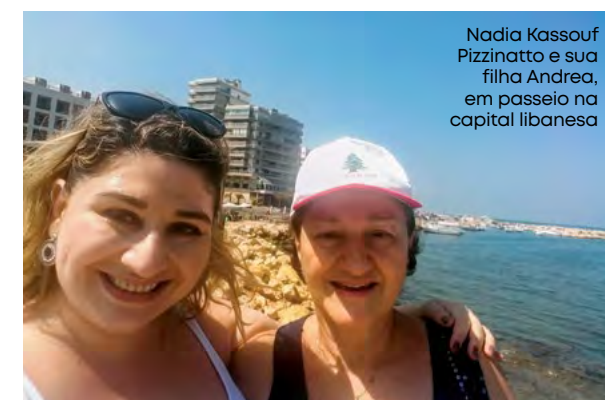
Saindo do Rio de Janeiro, foram para Presidente Prudente, onde já residiam o irmão de meu pai, Ibrahim el-Kassouf e seus primos Ide, Michel e Rachid Choairy. Nessa cidade do interior de São Paulo, meu pai e seus primos trabalharam juntos em uma concessionária de automóveis por quatro anos. Após esse período, mudaram-se para Rio Claro, onde residiram por oito anos, também trabalhando com concessionária de automóveis. Ali nasceram minhas irmãs Selma e Faridi. Meu tio Ibrahim conheceu uma bela mineira e assim ganhou minha tia Maria Alice. Eles tiveram dois filhos: Samir e Ana Lúcia. Nesse período chegou do Líbano o terceiro irmão, Jean Khalil Kassouf. Conhecendo uma rio-clarense de família tradicional na cidade, apaixonou-se e casou com Isaura Russo, com quem teve uma filha, Jeanize. Assim fechou-se o núcleo



Nadia, sentada na varanda lembrando sua mãe, Emelie, que gostava do local quando vivia no Líbano



Os pais de Nadia, Emelie Braxs e Nicolas Khalil Kassouf, no auge da beleza da juventude, em Zahle



Nadia Kassouf Pizzinatto e sua filha Andrea, em passeio na capital libanesa





A pequena Nadia com a avó paterna, Faridi, e os demais tios, tias e primos

familiar: meus pais e irmãos, tios, tias e primos que se reuniam todos os domingos para almoçar juntos e programar a viagem de volta ao Líbano. Em 1963 mudaram-se para Piracicaba. Só o tio Jean permaneceu em Rio Claro, onde era proprietário de uma loja de calçados.

Em Piracicaba meu pai conseguiu finalmente construir sua casa própria, após anos de trabalho árduo e honesto. Aqui também nasceram minhas irmãs Emeli e Soraya. Os almoços aos domingos continuaram na nova cidade. Minha mãe Emelie foi um exemplo de doação: além de trabalhar a semana toda para a família, nos fins de semana cozinhava para todo o grupo de familiares. Era uma festa receber tios e primos. Infelizmente, a volta ao Líbano só se tornou realidade para meus tios Ibrahim e Maria Alice. Minha avó Faridi, corajosamente aos 77 anos, acompanhada pelo filho Isber - o único que ainda vivia no Líbano - veio ao Brasil rever os filhos e conhecer as noras e netos. O conceito de família estendia-se nas festas de final de ano, quando nos reuníamos com as famílias dos primos de meu pai, os Choairy. A amizade construída no trabalho e no relacionamento das famílias estendeu-se aos descendentes, à medida que constituíam suas próprias famílias. Meus pais conseguiram dar formação universitária a todos os seis filhos. Meu casamento com Nivaldo

“ O Líbano é mais poesia do que Gibran pudesse expressar. É mais história do que os livros podem contemplar. É a terra onde o próprio Cristo empoeirou suas sandálias ”  
ensina Andrea Kassouf

de Lellis Pizzinatto, um piracicabano da gema e banespiano de coração, trouxe-me a alegria de dois filhos, Andrea e Nivaldo. Minhas irmãs também casaram-se e a família ampliou-se com cunhados e sobrinhos queridos: Márcio, Lucas, Nicole, Amanda, além de dois americaninhos, Júlia e Giovani, filhos de minha irmã Emeli, que se mudara para os Estados Unidos.

Meu irmão Khalil, sua esposa Gislene, minha filha Andrea e eu viajamos juntos ao Líbano, em 2017. Foi o retorno de dois irmãos que de lá haviam saído em 1950 ainda crianças, acompanhando seus pais. Estivemos em Beirute e Zahle, nossa cidade natal onde fomos recebidos por nossos primos, dormimos na casa de nossos avós, onde nascemos, numa experiência emocionante de resgate das origens.

Sintetizando a experiência que tivemos nessa viagem, nas palavras de minha filha Andrea, representante da terceira geração: “O Líbano é mais poesia do que Gibran pudesse expressar. É mais história do que os livros podem contemplar. É a terra onde o próprio Cristo empoeirou suas sandálias. Transcende os eloquentes relatos dos meus tios e avós. No Líbano se respira a paisagem, o sangue fala ao amor a terra. Sim, o Líbano é tudo isso. Mas o melhor do Líbano é a família”.

Meus pais deixaram por herança moral a família como foco do amor central. Continuamos a nos reunir aos domingos, nos nossos aniversários e nos dos primos. Mas principalmente, eles nos ensinaram os valores do trabalho honesto como forma de atingir metas, o respeito às origens como cultura e o amor ao Brasil, a terra que os acolheu. ■



Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo, Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal das cidades de São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

#### CONTATOS

[www.drgabrielcardio.com.br](http://www.drgabrielcardio.com.br)

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126





FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Família de Mohssen e Warde Sleiman (centro) reunida: Maroun, Salma, Samira, Rimon e Leila

## MAROUN SLEIMAN



# De pai para filho

Estabelecido em Sumaré, no interior paulista, o empresário Maroun Sleiman tem orgulho ao falar de seu pai, Mohssen Maroun Sleiman, personagem muito querido na cidade, de quem herdou o faro para os negócios e o apreço pelo trabalho



“Mohssen era um homem **dinâmico**, sempre ocupado com os negócios. Tanto que era dado a certas **distrações corriqueiras**, como no dia em que chegou no trabalho calçando sapatos de pares **diferentes**”

**H**oje próspero empresário no ramo da indústria de colchões, Maroun Sleiman, gosta de lembrar a história de seu pai, Mohssen Maroun Sleiman; de como ele chegou ao Brasil e, à custa de muito trabalho, criou e encaminhou os filhos para conquistarem um lugar ao Sol em uma nova terra. “Meu pai nasceu em Sebel, na região de Zghata, no norte do Líbano”, conta. “Ele seguiu a trajetória similar de grande parte dos imigrantes libaneses das primeiras gerações que chegaram ao Brasil. Começou como mascate e, com muita perseverança e sacrifícios, tornou-se empresário”, faz questão de ressaltar.

A trajetória do velho Mohssen no país começou em Belém do Pará, onde o navio Itália aportou, em 1953, trazendo ele, a esposa Warde (Kahlil Kassis) e o primeiro filho, Maroun. Na verdade, o avô de dona Warde, Antonio Youssef Salhab, já havia se estabelecido na cidade, onde chegara em 1908, em uma viagem que, a princípio, tinha como destino os EUA - atualmente os descendentes dos Salhab na região chegam a cerca de mil pessoas.

A estada da família Sleiman na capital paraense se resumiu a seis meses e, na sequência, Mohssen se transferiu para a cidade de São Paulo onde foi morar no bairro da Mooca, tradicional reduto de imigrantes. Ele se iniciou modestamente no comércio, produzindo e vendendo o doce de gergelim (Semesmyeh). Até que aceitou o convite de Assaf Maluf para se estabelecer na cidade de Sumaré, no interior paulista.

Por lá tornou-se mascate, percorrendo as ruas

de bicicleta, ainda vendendo doces. Nessa época adquiriu um modo peculiar de anotar em um caderno o endereço dos clientes. Escrevia, em árabe: “Perto da casa da moça bonita, próximo da casa da mulher feia...”. Logo conseguiu comprar uma charrete e passou também a comercializar roupas. Depois charrete comprou uma Kombi e quando os negócios começaram a prosperar, finalmente adquiriu um ponto na cidade, abrindo a loja Oriente, de calçados. Mohssen era um homem dinâmico, sempre ocupado com os negócios. Tanto que era dado a certas distrações corriqueiras, como no dia em que chegou no trabalho calçando sapatos de pares diferentes. Um cliente, notando a inusitada “bossa nova”, brincou com ele: “Prefiro sapatos de um mesmo par”.

O casal Sleiman teve mais quatro filhos além de Maroun: Leila, Samira, Salma e Rimon, que lhe rendeu dez netos e cinco bisnetos. Reconhecido e respeitado em Sumaré, Mohssen faleceu em 1997 e, quatro anos mais tarde, foi homenageado com uma rua da cidade recebendo seu nome. Dona Warde morreu em 2003.

Maroun lembra que começou a trabalhar aos 14 anos, já tomando conta da loja de calçados do pai. Mais tarde também seguiu os passos paternos como vendedor de roupas, de porta em porta, na cidade de Americana. Entrou para o ramo de colchões primeiramente no comércio e, em seguida, na área da indústria. Ele casou-se com uma prima, Nouhad, com quem tem quatro e filhos: Rosinha, Jaber, Mohssen e Nouhad. Um de suas recordações mais preciosas é a de ter acompanhado sua mãe, Warde, em uma viagem ao Líbano em 2000, a primeira dela desde sua partida para o Brasil, quase 50 anos antes. ■



Mohssen Sleiman na loja em Sumaré (à direita), com Sarkis Kassis e um funcionário



O casal Mohssen e Warde Sleiman deixou muita saudade em Sumaré



Os netos de Mohssen e Warde Sleiman: Geber, Mohssen, Nouhad e Rosinha



Encontro de Mohssen com seu irmão, Badwi Sleiman (à esquerda), no Líbano



O navio Itália no qual a família de Mohssen e Warde Sleiman viajou para o Brasil, em 1953





Amir Achcar Bocayuva Cunha recebe o Prêmio Distinção do cônsul-geral Alejandro Bitar



Fouad Naime, da Carta do Líbano, recebe o Prêmio Distinção da consulesa Fernanda Bitar



A secretária Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Nilcemar Nogueira, e Alejandro Bitar



Irmã Justina, do Lar N. Sra. da Glória, e Alejandro Bitar



Alejandro Bitar, cônsul-geral do Líbano, no Rio de Janeiro



O músico Tim Rescala



Anieli Jordan (Josefina Jordan) e Katia Chalita



Fernanda Canaud e David Chew



Dom Theodore Ghandour e Alejandro Bitar

# GRANDES EMOÇÕES

## NA ENTREGA DO PRÊMIO DISTINÇÃO

Uma noite muito especial celebrou os 130 anos da Imigração Libanesa no Rio de Janeiro, homenageando personalidades e instituições nos campos das Ciências, Artes, Cultura, Sociedade e Religiosidade

FOTOS: WASHINGTON DIAS





Mais de 600 convidados lotaram a Sala Baden Powell, em Copacabana



A deputada federal Jandira Feghali e Alejandro Bitar



Rogério Bassil da Federação das Entidades Líbano-Brasileiras (RJ)



Roberto Cury, do Sarca (RJ)



Miled Mossaabaa, da Liga Libanesa do Brasil



Professor Evanildo Bechara e Alejandro Bitar



Maria Elizabeth Ferés de Aguiar e Abdo Bachaalany

## Foram concedidos 82 prêmios - também in memoriam - nos campos das Ciências Humanas, Naturais, Exatas e Sociais, além de contribuição honorífica e de benemerência



Professor Roberto Habib e Nilcemar Nogueira

Para marcar os 130 anos da imigração libanesa no Rio de Janeiro, o cônsul-geral do Líbano na cidade, Alejandro Bitar, constituiu o Prêmio Distinção, em homenagem de reconhecimento aos libaneses de origem, seus descendentes, personalidades e instituições da colônia que se notabilizaram pelas ações em diversas áreas da sociedade brasileira.

Foram concedidos 82 prêmios - também in memoriam - nos campos das Ciências Humanas, Naturais, Exatas e Sociais, além de contribuição honorífica e de benemerência.

A cerimônia de entrega aconteceu em 21 de junho de 2018, na Sala Baden Powell, em Copacabana, e contou com um público de 600 pessoas. Na abertura, os hinos nacionais brasileiro e libanês, foram executados pelo duo de piano e violoncelo, Fernanda Canaud e David Chew, e em seguida foi apresentado o vídeo do evento, legendado com um poema de Gibran Khalil Gibran.

Os discursos foram proferidos pela secretária Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Nilcemar Nogueira, pelo embaixador José Maurício Bustani e pelo cônsul-geral, Alejandro Bitar, em um pronunciamento emocionante e contundente.

Houve também um pequeno recital com composições de Villa Lobos e Khaled Muzzanar. E a apoteose contou com a subida ao palco dos homenageados grupo. Após o evento, foi oferecido um coquetel de queijos e vinho libanês Ixsir.

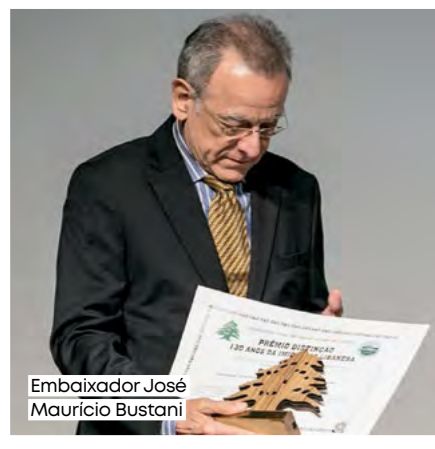
- As categorias premiadas foram as seguintes:
- Entidades libanesas brasileiras (clubes, associações, escola libanesa e câmara de comércio)
  - Igrejas e associações religiosas de caridade
  - Médicos
  - Instituições brasileiras (Cidade do Rio de Janeiro, comerciantes da cidade da Saara e da Sarca)
  - Jornalistas
  - Escritores, editores e acadêmicos
  - Políticos
  - Comunidade libanesa (empresários, engenheiros, advogados)
  - Comunidade libanesa (in memoriam). Empresários e primeiros imigrantes, representados pelos descendentes até a quarta geração
  - Músicos



Ivan Mathias, do Conselho Greco-Católico Melkita, e Alejandro Bitar



Carlos Augusto Montenegro



Embaixador José Maurício Bustani



Alexandre Farah e Alejandro Bitar



Linda Bustani e Alejandro Bitar



Padre Roger Barakat, representando a família de Mansour Challita



Leila Richa Hijjar, da Associação Ortodoxa de Senhoras



Representante da família Youssef, Hanna e Said Chalita Saade



Khail Gebara (Greta Gebara) e Miled Mossaubaa



Michel Chaachaa (Charles Lotfi) e embaixador Chucri Abboud. Atrás, Daniela Saade

## PREMIADOS

### COMUNIDADE / EMPRESÁRIOS / ENGENHEIROS

Abrahão Jabour (In memoriam), Adib Abi Rihan (In memoriam), Adib Saadi (In memoriam), Alberto João Richa (In memoriam), Arcebispo Georges El Hajj (In memoriam), Carlos Augusto Montenegro, Charles Lotfi, Dalal Achcar, Emir Khalil Ayoubi (In memoriam), Gilberto Sader, Greta Gebara (In memoriam), Hamid Antonios Hamdar (In memoriam), Irmã Zoé (In memoriam), João Jabour (in memoriam), Josephina Jordan (In memoriam), Khatar Rechwan (In memoriam), Maria Elisabeth Féres de Aguiar, Nelson Mufarrej Filho, Paulo Cezar Assed, Pedro Chein Succar (In memoriam), Roberto Darze, Salomão Saadi (In memoriam), Sheik Hassan Safatli (In memoriam), Touffy Nicolau Habib (In memoriam), Youssef, Hanna & Said Chalita Saade (In memoriam).

### CIÊNCIAS POLÍTICAS

Alfredo Karam, Benjamin Farah (In memoriam), Jamil Haddad (In memoriam), Jandira Feghali, José Maurício Bustani, Nelson Mufarrej (In memoriam), Nilton Salomão, Sami Jorge (In memoriam), Theophilo Antônio Miguel Filho.

### ESCRITORES / PROFESSORES / EDUCADORES / EDITORES

Alphonse Nagib Sabbagh (In memoriam), Antonio Houaiss (In memoriam), Antônio José Chediak (In memoriam), Evanildo Bechara, Jorge Zahar (In memoriam), Mansour Challita (In memoriam), Rose Marie Muraro (In memoriam), Saide Maria Abicalil (In memoriam), Salim Miguel (In memoriam), Wilson Choeri (In memoriam).

### MÉDICOS

Adib Antônio Couri (In memoriam), Chamberlain Noé (In Memoriam), Jorge Darze, Munir Bussade (In memoriam), Roched Abib Seba (In memoriam).

### MÚSICOS

Almir Chediak (In memoriam), Antônio Nassara (In memoriam), Fagner, Linda Bustani, Tim Rescala, Tito Madi, Tunai.

## A cerimônia de entrega aconteceu na Sala Baden Powell, em Copacabana, e contou com um público de 600 pessoas

### JORNALISTAS / RADIALISTAS

Edmo Zarife (In memoriam), Hilton Abi Rihan, Naji Farah, Revista Carta do Líbano.

### INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Associação Ortodoxa de Senhoras, Conselho Melquita de São Basílio, Lar N. Sra. da Glória, Sociedade Damas de Misericórdia N. Sra. do Líbano, Sociedade Ortodoxa São Nicolau.

### INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Cidade do Rio de Janeiro, Escola Municipal República do Líbano, Saara (comerciantes da Saara), Sarca (comerciantes da Sarca).

### CLUBES E INSTITUIÇÕES SÓCIO - CULTURAIS LÍBANO-BRASILEIRAS

Associação Líbano-Friburguense, Câmara de Comércio Líbano-Brasileira RJ, Clube Líbano-Fluminense, Clube Monte Líbano RJ, Clube Sírio e Libanês RJ, Escola Libanesa RJ, Federação das Entidades Líbano-Brasileiras RJ, Instituto de Cultura Brasil Líbano (ICBL), Liga Libanesa do Brasil. ■



Almirante Alfredo Karam e Alejandro Bitar



Gilberto Sader, presidente da comunidade libanesa em Nova Friburgo



Embaixador José Roberto Bustani



CONSULADO

# AGENDA MOVIMENTADA



Dr. Oswaldo Chade, cônsul-geral do Líbano Rudy el-Azzi e dr. Sergio Nassif Najem



Cassio Paoletti, Ricardo Maluf, Rudy el-Azzi e Cesar Khouri



Procuradora Adriana Kehdi e Rudy el-Azzi

## Na residência oficial do cônsul-geral do Líbano, Rudy el-Azzi, três eventos marcantes para a comunidade libanesa

Um almoço apresentou a fundação da Associação Binaa, destinada a profissionais do setor da construção com ascendência libanesa residentes no Brasil. Nos mesmos moldes da Kanoun, dos profissionais da área de Direito. O objetivo é estabelecer um estatuto comum para os membros de cada categoria, através da troca de experiência e aprendizado.

O primeiro encontro dos jovens libaneses e descendentes, com a criação do comitê fundador do grupo e sua organização nas redes sociais. Entre os projetos já em fase de realização está a Associação Filhos do Cedro.

Finalmente, o Estatuto da Associação Kanoun. O evento contou com as presenças do ex-ministro Francisco Rezek, do presidente do Clube Atlético Monte Líbano, Ricardo Batah; do juiz federal Ali Mazloum; do desembargador Carlos Henrique Trevisan e dos membros fundadores. Com o objetivo de estreitar laços entre os profissionais da mesma esfera de trabalho, no Brasil, Líbano e ao redor do mundo, a Kanoun não tem nenhuma finalidade política. Na ocasião Ricardo Maluf foi eleito presidente da Associação. Oswaldo Chade é o vice e os membros do Conselho são Fabio Kadi, Eduardo Jorge Lima, Adriana Patah, Rafael Maluf, Silvia Ganme Nasrallah e Vanessa Maluf. Durante a assinatura do estatuto, o cônsul Rudy el-Azzi, foi nomeado membro honorário. ■



FOTOS: MARTA SANTOS

Dolly Lahoud cumprimenta o ex-ministro Francisco Rezek, sendo observados pelo cônsul-geral Rudy el-Azzi



As advogadas, Silvia Ganme Nasrallah, Naila Maluf, Camila Ferreira de Camargo, Julia Maluf, Zeina Haida



Oswaldo Chade



Amyr Mazloum, Rudy el-Azzi, juiz Ali Mazloum e Walid Mazloum



Rafael Maluf e Dolly Lahoud



Ricardo Batah, Rudy el-Azzi e Eduardo Jorge Lima

O objetivo é estabelecer um estatuto comum para os membros de cada categoria, através da troca de experiência e aprendizado





Adriana Kehdi, Adriana Patah, Cassio Paoletti, Cesar Khouri



Francisco Rezek, Francisco José Cahali e Fabio Kadi



Camila Ferreira de Camargo, Dolly Lahoud, Julia Maluf, Rudy el-Azzi, Ricardo e Naila Maluf



Dr. Riad Gattas Cury



Oswaldo Chade, Francisco Rezek, Ricardo Maluf, Rudy el-Azzi, Ricardo Batah presidente do Clube Atlético Monte Libano, Francisco José Cahali



Eduardo Jorge Lima, Ricardo Batah, Fabio Kadi e Francisco José Cahali



Francisco Rezek e Oswaldo Chade



Adriana Patah, Sergio Jafet, Eliana Rached Tair, Francisco Rezek e Adriana Kehdi



Francisco Rezek e Rudy el-Azzi

Outro objetivo é estreitar laços entre os profissionais da mesma esfera de trabalho, no Brasil, Líbano e ao redor do mundo



# Experiência inesquecível

Embevecida com a riqueza natural, cultural e histórica do Líbano, a empresária Marta Montes faz um pequeno relato da viagem que a levou até lá em companhia do marido, Luiz Carlos Frange Montes, da filha Maria Paula e dos amigos Carolina e Arnaldo de Almeida Prado, e Luciano Faria

Em busca das suas raízes, Luiz Carlos Frange Montes visita a terra dos avós maternos e planta uma árvore. Na foto maior, Ruínas dos templos romanos em Baalbek



FOTO: MAROUN KASSAB/WIKIMEDIA COMMONS (BAALBEK); VERONIQUE DAUGE/FLICKR (BIBLOS); ROBYSAN/WIKIMEDIA COMMONS (SIDON); INSTAGRAM FOUR SEASONS BEIRUT E ALBUM DE FAMILIA



Biblos, a 42 km ao norte de Beirute, é famosa por ser a mais antiga cidade do mundo



Sidon é a terceira maior cidade do Líbano e situa-se na costa do mar Mediterrâneo, a 48 km ao sul da capital Beirute

“Trata-se de um país pequeno e, ao mesmo tempo, tão rico em paisagens”



O casal Luiz Carlos e Marta Montes com a filha Maria Paula

“No início do ano viajei com minha família para o Líbano e o resultado superou todas as minhas expectativas. Trata-se de um país pequeno e, ao mesmo tempo, tão rico em paisagens e com um patrimônio cultural impressionante. Beirute, sua capital, seduz a todos devido àquela mescla de Ocidente e Oriente e, sobretudo, pela hospitalidade e gentileza do povo libanês que, decididamente, não é um mito dos guias de turismo. A cidade possui hotéis cinco estrelas - como a rede internacional Four Seasons - e uma marina repleta de excelentes restaurantes, revelando-se uma ótima opção noturna depois de um dia repleto de passeios e descobertas históricas. Impossível não



Zaitunay Bay, local obrigatório para se conferir a atualidade de Beirute, com vários restaurantes de padrão internacional





Baalbek é a antiga cidade da Fenícia, no vale do Bekaa, leste do Líbano



Katayef, doce tradicional libanês



O centro restaurado de Beirute mostra a harmonia entre as comunidades religiosas no Líbano

Beirute



Ehden, cidade montanhosa que é um resort de verão e um centro turístico famoso

“O Líbano é um destino rico em contrastes: antigo e moderno, democrático e tribal”



Carolina e Arnaldo de Almeida Prado, Marta e Luiz Carlos Frange Montes, Maria Paula Montes e Luciano Faria, em visita a Zgharta e Ehden



Castelo do Mar de Sidon, construído pelos cruzados no século 13



Casa tradicional libanesa

se render às delícias da rica culinária libanesa, com sua incrível doçaria, considerada pelo povo um verdadeiro ato de amor.

Passeamos pela estrada que ladeia as encostas inclinadas do Monte Líbano, deparando com mosteiros incrustados nas rochas, e onde tivemos a experiência única de plantar um cedro no alto da montanha.

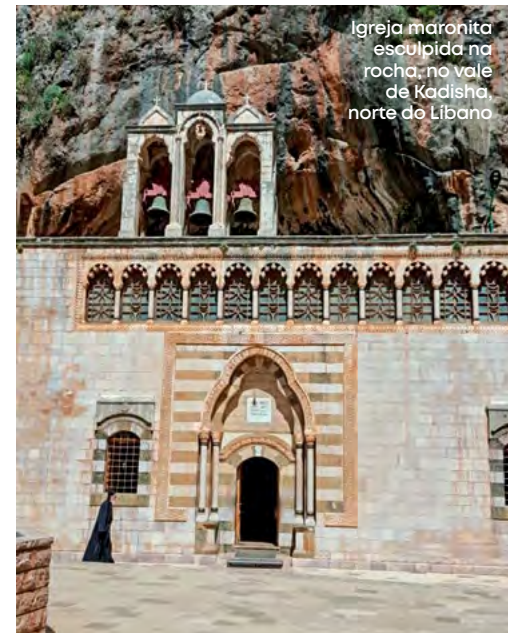
Percorremos também cidades incríveis como Baalbek, Biblos, Sidon, Trípoli, que mostram ao mundo porque o Líbano é considerado berço da civilização. Em Zgharta e Ehden tivemos a oportunidade de conhecer as raízes da família de meu marido, os Frangieh. Foi nessa região - no norte do país - que nasceram os avós maternos dele, Rosa Bessin Frange e Felício Frange.

Sem dúvida, o Líbano é um destino rico em contrastes: antigo e moderno, democrático e tribal, ocidental e oriental, católico e muçulmano. E sempre fascinante! ■

FOTO: GUILLAUME PIOLLE/FICKR (BAALBEK); MARVIKAD/WIKIMEDIA COMMONS (SIDON); JAMAL SAIDI/FICKR (BEIRUTE); MOHAMAD CHERRY/FICKR (EHDEN); DIVULGAÇÃO E ALBUM DE FAMÍLIA

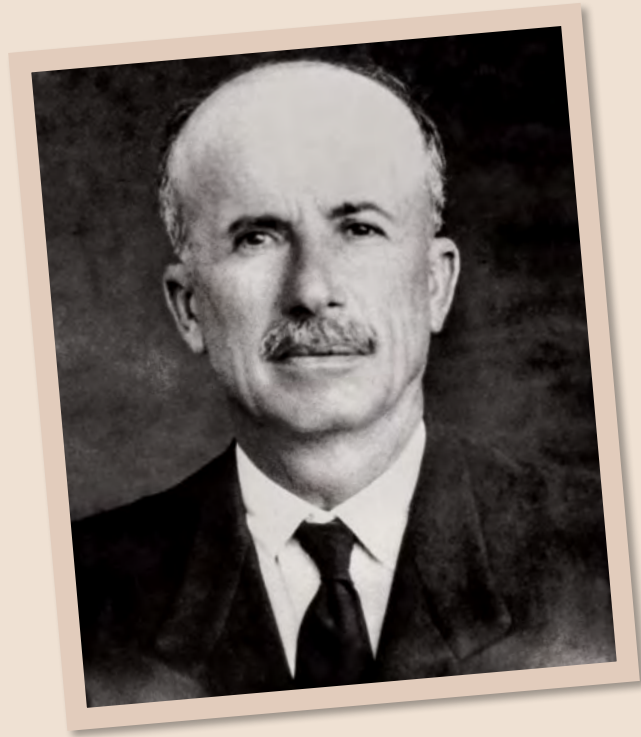


Sabonetes em formato de frutas produzidos em Trípoli



Igreja maronita esculpida na rocha, no vale de Kadisha, norte do Líbano





# DESTINO NUM PEDAÇO DE PAPEL

Por ocasião da nomeação do empresário Salim Mattar, fundador da Localiza, como secretário de Privatizações do governo Bolsonaro, Carta do Líbano relembra a reportagem publicada em 2016, na segunda edição especial Minas Gerais. Nela, está a história do patriarca da família, o imigrante Salim Alfredo Mattar, que acreditou em um bilhete e veio em busca do futuro no Brasil. em depoimento emocionado, o atual secretário fala não só sobre a memória do avô como também do pai, José Salim, de quem herdou o tino e a perseverança nos negócios



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Salim Mattar herda o talento do avô e segue seus passos nos negócios. Na página ao lado, Salim Alfredo Mattar, o avô que iniciou a trajetória da família no Brasil



“Ao desembarcar em Santos, depois de ter trabalhado no navio em pagamento à viagem, trazia no bolso seis dólares e o nome do primo Chico Mattar”

Qual a distância entre o porto de Santos até São João Del Rey, no interior de Minas Gerais? São 381 km em linha reta, ou aproximadamente sete horas de viagem em estradas modernas. Mas

na primeira década do século 20 demorou dois meses até que Salim Alfredo Mattar, aos 14 anos, encontrasse o primo Chico no fundão do Brasil.

Salim Alfredo Mattar, o avô que iniciou a trajetória da família no Brasil, chegou magro, famélico, estropiado no interior do país. Ao desembarcar em Santos, depois de ter trabalhado no navio em pagamento à viagem, trazia no bolso seis dólares e o nome do primo Chico Mattar, que viera antes para a tal cidade que ficava onde mesmo? Em Minas. Salim não falava nenhuma palavra no novo idioma. Afinal, Beirute, capital do Líbano, fica 10 mil quilômetros longe de Belo Horizonte.

O imigrante Salim Alfredo Mattar fugiu de perseguições religiosas em seu país. Era druso. Hoje existem cerca de um milhão de drusos no mundo. Voltar? Nunca mais. Era natural de um vilarejo no Monte Líbano, Mejdlaya, distrito de Aley, a 14 km de Beirute. Queria um lugar para trabalhar em paz, constituir família. Achou.

Para iniciar a vida de mascate ganhou um cavalete e maleta com bugigangas para vender. Espelinho, tesoura, cortador de unha, caneta, canivete, enfim, quinquilharias. Nada poderia impedi-lo. Não sabia nada de português, mas e daí? Circulava em rodoviárias, aglomerações, portas de igrejas, campos de futebol, em todo o entorno de São João Del Rey.

Juntou uma quantia, já era hora de abrir seu

próprio armazém de secos e molhados. Para não competir com o primo Chico, que possuía um armazém – não competir entre irmãos do mesmo país era uma regra seguida pelos libaneses imigrantes de primeira geração - Salim mudou-se para São Tiago, a 30 km de São João Del Rey, e só então abriu seu negócio, por volta de 1912.

Deu tão certo, que ele trouxe do Líbano outro primo, chamado Mohammed, e o incumbiu de cuidar do negócio. Salim então se mudou para Passa Tempo, também no interior de Minas, e abriu outro armazém. E os negócios continuaram a crescer. A família também. Salim tinha se casado com uma brasileira. Em Passa Tempo, no ano de 1914, nasceu José Salim, seu primeiro filho. Ibrahim e Jamil nasceriam depois. O imigrante libanês Salim Mattar teve três filhos homens.

Em seguida, já muito bem de vida, Salim trouxe do Líbano seu irmão mais novo Amin, que se radicou em Carmo do Cajuru, a 100 km de São Tiago. Todos ficaram ricos.

Salim Alfredo Mattar não parecia mais o menino de 14 anos mirrado e faminto que chegou ao Brasil. Ele é descrito pelo neto, o empresário de mesmo nome: “Vestia sempre um terno branco imaculado, bem passado. Minha mãe dizia que não sabia como ele conseguia manter a roupa limpa no meio de tanta poeira e aquele barro das cidades de antigamente. Nunca foi visto sem gravata, seus sapatos estavam sempre engraxados. Usava chapéu panamá”.

O estranho é que o empresário dos nossos dias sequer conviveu com o avô. Nosso atual empresário nasceu em 1948, e o avô morreu em 1951. “Ele é uma lenda para mim. Foi um herói. E está nas lembranças de todos os que conviveram com ele”.

Em primeiro lugar, o empresário descreve seu



Acima, o armazém do avô Salim Alfredo Mattar, em Oliveira, Minas Gerais. Abaixo, os filhos de Salim Alfredo: José Salim, Jamil e Ibrahim



## MEU AVÔ MEU ÍDOLO

DEPOIMENTO DE SALIM MATTAR

Ele começou do nada. Uma mala na mão, no braço um cavalete, vendendo bugigangas. E cresceu muito rápido, enriqueceu.

Ele amava o Brasil. Foi muito bem acolhido aqui. E até o final da vida teve dificuldade com o idioma português. Jamais foi fluente em português.

Minha mãe, que tem 99 anos, conta, e eu o imagino como um lorde, um príncipe. Vovô de terno branco de linho, sempre impecável, sempre de gravata, naquele barro, naquele calor. E ele com elegância, flutuando sobretudo com os sapatos engraxados. Eu tenho duas lembranças dele. Uma delas, ele imponente sentado numa poltrona no armazém. Outra, dando café para as crianças e rindo quando a gente fazia careta ao tomar café amargo. Como prêmio, dava moedas para as crianças. Meu avô, com todo o charme, vendendo bugigangas, tão jovem num lugar tão distante, num idioma que ele mal entendia – como deve ter sido corajoso!



# “Salim Alfredo Mattar nunca deixou de transportar um passageiro que não tivesse dinheiro para pagar a passagem, de dar um queijo a quem tivesse fome”

avô como uma espécie de liderança na comunidade, onde era querido e respeitado por suas opiniões sensatas e equilibradas. “Ele sempre oferecia um café, água, qualquer coisa. Às vezes, seus filhos reclamavam porque ele estava sempre de prosa com alguém e tendo fornecedores a atender”, diz.

Em segundo lugar, seu avô era bem-sucedido e mesmo assim, mantinha-se generoso. “Meu tio avô e o meu avô ficaram ricos, milionários mesmo. Meu avô tinha fazendas, fábrica de manteiga, transportadora, linha de ônibus, posto de gasolina, muitos imóveis de aluguel, armazéns. No final da vida, estava milionário. Mas nunca deixou de transportar um passageiro que não tivesse dinheiro para pagar a passagem, de dar um queijo a quem tivesse fome. Por isso era amado e respeitado pela comunidade”.

Em terceiro lugar, Salim Alfredo Mattar amava o Brasil. Segundo seu neto empresário conta, certa vez os filhos pediram a ele que lhes ensinasse árabe. “Contam que meu avô levantou da cadeira, circulou pelo armazém até chegar perto dos filhos e dizer, com sotaque característico... Nós num breca abrendê a falá árabe. Nós num vai mais volta. Essa é a nossa bária. Esse nosso baís. Esse nosso lar. Nós criar raiz aqui. Esse lugar é o paraíso. Nós num vai sair mais daqui”. Olhando para os filhos, segundo Salim Mattar, seu avô deu o tom. “E o tom dele era o seguinte: eu sou feliz demais nesse país. Eu ganhei muito dinheiro aqui. Criei minha família nesse país. As pessoas daqui me amam. E isso me faz não ter vontade de retornar”.

## ENTRE AS SEIS MAIORES DO MUNDO

A primeira empresa aberta pelo descendente do patriarca deu certo demais. E olhe que o Brasil vivia a primeira crise do petróleo, em 1973. Chamava-se

Localiza, e alugava carros. Segundo Salim Mattar, o proprietário, “já estávamos no Brasil inteiro, menos no Rio e São Paulo, para não concorrer com outros grandes players internacionais estabelecidos no Brasil.”

A Localiza só entrou no Rio e SP em 1982, quando já era líder absoluta de mercado. “Hoje somos uma das seis maiores locadoras do mundo”, continua Mattar. “Temos 120 mil carros, 8.200 funcionários e um faturamento de R\$ 5 bilhões/ano. Temos agências em oito países, vendemos 70 mil carros seminovos por ano”.

Em 2018, a Localiza Rent a Car S/A é “a maior - em valor de mercado - entre todas as locadoras de veículos com capital aberto no mundo”, segundo a coluna Direto da Fonte, da jornalista Sonia Racy, de O Estado de S. Paulo. Também segundo a colunista, dos quatro irmãos fundadores, Eugênio Mattar é o único ainda à frente do dia a dia. Os outros dois - irmãos entre si - Flávio e Antônio Cláudio fazem parte do conselho administrativo, presidido por Salim Mattar - que se retirou da presidência do grupo em 2013 - cargo que ele deixa agora para atuar como secretário das Privatizações do governo Jair Bolsonaro.

Existem ainda outras duas empresas, a Omni Helicópteros, aberta em 2000, no Rio de Janeiro, para transporte em plataformas de petróleo, que conta com 55 helicópteros, oito bases e faturamento anual de R\$750 milhões. E a Pottencial Seguradora S/A, com faturamento anual de R\$ 200 milhões. Juntas, as duas empresas empregam 900 pessoas. Nos três empreendimentos, são cerca de 10 mil pessoas em torno de um sonho de abundância que nasceu lá atrás, há cem anos, no cavalete que equilibrava uma maleta cheia de bugigangas no interior do Brasil. ■



Acima, o famoso armazém Casa Syria, no Morro de Ferro, distrito de Oliveira. “Seu” Salim Alfredo Mattar, primeiro à esquerda, tinha na época fazendas, fábrica de manteiga, transportadora, linha de ônibus, posto de gasolina, imóveis de aluguel e armazéns. Abaixo, a primeira jardineira do avô Salim, que fazia linha Morro de Ferro – Oliveira, uma vez por dia. Ele nunca deixou de transportar um passageiro que não tivesse dinheiro para pagar a passagem. Por isso era amado e respeitado pela comunidade



## DEVERIA TER ESCRITO UM LIVRO A RESPEITO

DEPOIMENTO DE SALIM MATTAR

Durante minha infância, na cidade de Oliveira, nos anos 50 do século passado, os imigrantes libaneses eram donos de quase tudo. Mas nunca no mesmo ramo. A torrefação de café era de um libanês, a feccularia de milho, de outro. O armazém de arroz era de um, o de secos e molhados pertencia a outro libanês. Eles jamais concorriam entre si. Mas daí veio a segunda geração e em trinta anos as riquezas foram dizimadas, por causa da concorrência entre os filhos dos imigrantes.

Um dia, se tiver tempo, gostaria de escrever sobre isso. Eu presenciei a derrocada dos filhos da segunda e terceira geração que não souberam fazer como os seus pais.



# LIÇÃO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES

Empresário dono da Localiza, que acaba de ser nomeado secretário de Privatizações do governo Jair Bolsonaro, conta o que aprendeu com seu pai José Salim

DEPOIMENTO DE SALIM MATTAR

**A**os seis anos eu tinha um colega que estudava piano. Achava aquilo bonito. Eu queria aprender a tocar piano. Num sábado, dia do pai assistir a família, cada um contava quais eram seus problemas, um queria sapato, outro dinheiro, um queria contar que o irmão tinha batido nele. Pela ordem de tamanho, chegou a minha vez e ele, que me chamava de Zé, perguntou o que eu queria. Todo mundo queria alguma coisa. Ninguém chegava lá e dizia que não queria nada. Eu falei que queria estudar piano com a dona Juju. Quando falei isso senti que tinha falado alguma coisa que ele não gostou. Ele apertou o meu braço. Senti que ele ficou com raiva e eu quis sair. Ele perguntou: “Então quer dizer que você quer estudar piano? Você quer aprender a tocar piano?”. Disse que não queria mais. Ele chamou todos os irmãos para chegar mais perto e perguntou se eu sabia quem tinham sido Mozart e Beethoven. E eu não conhecia. Ele falou: ‘Eles foram os maiores pianistas do mundo. Não é você, nem nenhum de vocês que vai ser tão bom quanto eles’.

Meu pai pediu que eu tirasse aquela ideia da minha cabeça e pediu que eu abrisse um negócio. Ele falou: “Você vai crescer, abrir um negócio, ganhar dinheiro, comprar uma casa, constituir família e

comprar a maior radiola que tiver e comprar todos os discos de pianistas, até um piano de verdade pode comprar”. Na hora que sai do colo dele, ele me deu um tapa com força, ele estava com raiva.

A vida inteira ele falava: “Zé, o que você vai fazer quando crescer?”. E eu respondia: “Vou abrir um negócio para mim”. Estava jogando futebol na rua e ele me chamava da janela: “Zé, o que você vai fazer quando crescer?”. “Vou abrir um negócio para mim”. Chegava de viagem de noite e sussurrava no meu ouvido: “O que você vai fazer quando crescer?”. “Vou abrir um negócio para mim”. Durante o almoço, se ele olhasse para mim, eu levantava a cabeça e respondia balbuciando. Isso aconteceu durante anos. Ele tinha uma verdadeira aversão a que eu não abrisse um negócio para mim. Dos seis aos 13 anos ele deve ter me perguntado umas 30, 40 000 vezes: o que você vai fazer quando crescer?

Meu pai morreu num acidente quando eu tinha 13 anos e ele, 49. Anos depois, eu já tinha saído de Oliveira e vivia em Belo Horizonte, trabalhava como office boy numa empresa e fui pagar o aluguel de um carro. Eu fui à empresa pagar, bati o olho no recibo, fiz a regra de três multiplicando o valor de um dia vezes 365 dias e, intuitivamente, balbuciei: “Vou abrir um negócio desses pra mim”. Falei

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Com a agenda repleta de compromissos e negócios, o empresário Salim Mattar valoriza a família e gosta de aproveitar um clima de tranquilidade e paz junto à esposa Rafaela. Sentadas, as filhas, Tatiana (de branco), Sophia e Sarah. Ao lado, Salim Mattar é capa da Carta do Líbano da segunda edição especial Minas Gerais, em 2016

aquilo instintivamente porque seria mal-educado da minha parte falar aquilo. Aquilo fluiu de mim. O proprietário então perguntou: o que foi que você disse? Eu respondi que o valor do recibo estava correto. Não esqueci mais aquele negócio, eu tinha 17 anos de idade.

Cinco anos depois, eu com 23 anos abri o negócio de aluguel de carros. Colocamos o nome de Localiza. Era 1973, ano da primeira crise do petróleo. Outras crises vieram e a empresa continuou crescendo.

Posso dizer o seguinte: sou um homem de sorte por ter tido as oportunidades que tive, ter tido o berço, a educação e os exemplos que tive. Tudo o que eu tenho na vida posso dizer hoje que devo às minhas origens.

Meu pai era uma pessoa muito caridosa e gostava de ajudar aos necessitados. Era capaz de tirar a camisa do corpo e dar para alguém que estivesse sem camisa. Recolhia cobertores e doações para distribuir aos pobres nos períodos de frio e de natal na cidade de Oliveira onde vivíamos. Eles tinham



gratidão pelo Brasil. Hoje, tento reproduzir o que aprendi. Fiz a doação de uma ala no Hospital de Oliveira e colocamos o nome de meu pai José Salim Mattar. Em Oliveira existe um cemitério pequeno dos drusos, que foram impedidos de ser enterrados com os católicos. Estou tentando recuperar a área. Quero ainda comprar o armazém que foi do meu avô, mas como bom libanês, estou esperando o melhor momento para isso.

De resto, fiz o que meu pai aconselhou: comprei um bom piano e uma coleção de clássicos do piano. Nenhuma de minhas filhas Tatiana, Sara, e Sofia quiseram aprender tocar piano. ■



O presidente libanês Camille Chamoun realizou uma visita oficial ao Brasil, em maio de 1954, sendo recebido pelo então presidente Getúlio Vargas



# QUANDO CHAMOUN ENCONTROU VARGAS

*Carta do Líbano lembra a visita do presidente **Camille Chamoun** ao Brasil. Além da recepção pelo presidente da República na época, **Getúlio Vargas**, Chamoun recebeu uma série de homenagens - inclusive em São Paulo — e estabeleceu as boas relações diplomáticas entre os dois países*

**H**á 64 anos o Brasil recebia a primeira visita oficial de um presidente libanês, Camille Nimr Chamoun (1900-1987). Chefe de estado no Líbano entre 1952 e 1958, ele foi líder cristão maronita na Guerra Civil no país e criador do partido Nacional Liberal. Chamoun - acompanhado de sua esposa Zalfa Chamoun e grande comitiva - foi recebido no Rio de Janeiro, então Capital Federal, pelo presidente Getúlio Vargas (1882-1954). Devido ao grande número de imigrantes libaneses e seus descendentes vivendo no Brasil, a visita serviu para estreitar ainda mais os laços diplomáticos e econômicos entre os dois países.

Em cerimônia do Palácio do Itamaraty, o presidente libanês recebeu o Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, enquanto em seu discurso o presidente Vargas fez questão de ressaltar a importância das boas relações com um país que vem a ser um dos berços da civilização. Além de ser enfático sobre o caráter do povo

libanês, “conhecido pela dedicação ao trabalho, à seriedade e ao respeito por leis e instituições”.

Por sua vez, na fala de Camille Chamoun ficou clara sua admiração pelo Brasil, um país em franco desenvolvimento em todos os campos - social, cultural e econômico - e por sua “fidelidade à dignidade e liberdades legítimas que asseguram a Democracia”. Disse também que o “Brasil e os países do Novo Continente entram resolutamente no caminho da solidariedade internacional e se tornam centros de fraternidade ativa”.

Sobre as dimensões continentais brasileiras (“onde habita uma alma maior ainda”), o presidente Chamoun lembrou que os imigrantes libaneses aqui tiveram a chance aqui de se integrarem e ocupar grandes extensões que não existem em seu país de origem. Concluiu dizendo que desde a chegada ao país, devido às gentilezas e amizades recebidas, se sentiu em casa.

Houve também homenagens na Câmara dos Deputados, comandada pelo ex-Presidente da República Nereu Ramos (1888-1958), e na Associação Brasileira de Imprensa, presidida pelo



*A visita do presidente **Camille Chamoun** repercute até hoje entre os libaneses, tanto pela relevância do evento, quanto pela importância que o presidente Chamoun deixou na memória do povo e na história do Líbano*



O presidente Camille Chamoun e sua mulher, Zalfa, de chapéu, foram recebidos pelo casal Jorge Bey Maluf, à direita, na Vila Maluf, em Suzano, durante a belle époque da comunidade libanesa no Brasil

jornalista e intelectual Herbert Moses (1888-1972). Em São Paulo, o presidente Chamoun foi recebido no Palácio do Governo - na gestão de Lucas Nogueira Garcez (1913-1982) - mas, sobretudo, recebeu grande homenagem da grande colônia libanesa da cidade.

Como resultado prático da importante visita do presidente Camille Chamoun ao Brasil, foi assinado um Tratado de Amizade, Comércio e

Navegação entre os países. E no ano seguinte, 1955, o diplomata Francisco Gualberto de Oliveira foi nomeado o primeiro embaixador brasileiro no Líbano, que serviu na capital Beirute até 1959.

Esse primeiro encontro entre os chefes de estados dos dois países ainda reverbera entre os libaneses, tanto pela relevância do evento, quanto pela importância que o presidente Chamoun deixou na memória do povo e na história do Líbano. ■



**CARMO COURI**

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes  
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

**(31) 3299-3000**



**MOKKAÏ**  
JEANS



Rua Xavantes, 505 • Brás • Tels: (11) 2291-2621 / (11) 2291-324 • WhatsApp: (11) 94009-5775  
Site: [www.mokkai.com.br](http://www.mokkai.com.br) • Facebook: [@mokkaijeans](https://www.facebook.com/mokkaijeans) • Instagram: [@mokkaijeans](https://www.instagram.com/mokkaijeans)